

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

ARTE-EDUCAÇÃO: A VOZ DO ESTUDANTE NO ESPAÇO ESCOLAR.

Raphaela Parizotto

Brasília – DF

Junho de 2015

Raphaela Parizotto

ARTE-EDUCAÇÃO: A VOZ DO ESTUDANTE NO ESPAÇO ESCOLAR.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Universidade de Brasília como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Licenciatura em Artes Plásticas, sob a orientação da Prof^a Ma. Ana Paula Aparecida Caixeta.

Brasília – DF

Junho de 2015

*Ao meu pai, Luiz Antônio Parizotto,
que é minha Luz, sempre me guiando
e me apoiando em minhas escolhas*

AGRADECIMENTOS.

Agradeço à Prof^a Ma. Ana Paula Aparecida Caixeta, por ter aceito a orientação deste trabalho. Pela sua paciência e atenção sempre. Agradeço acima de tudo por acreditar em meu trabalho, sempre me aconselhando e incentivando.

Agradeço aos meus pais, Luiz Antonio Parizotto e Euzivi Silva Parizotto, por tonarem possível esse momento de minha vida. Sei que eles não mediram esforços pra que eu sempre tivesse uma educação de qualidade. Isso tudo não seria possível sem a compreensão, ajuda e confiança deles.

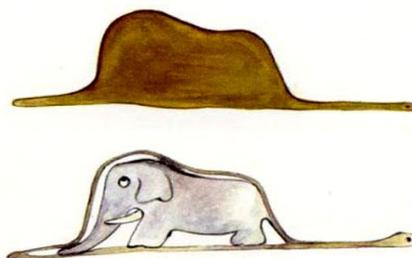
Agradeço especialmente as minhas amigas Ana Carolina Amorim e Isadora Amorim, por me ajudarem em todas as dificuldades que tive nesse último semestre e por tornarem essa etapa menos árdua. Obrigada por lerem meu trabalho sempre que solicitado e disponibilizarem de seus tempos. Por me darem forças pra continuar sempre que cogitei desistir.

Agradeço igualmente aos grandes amores de minha vida, Ana Carolina Amorim, Isadora Amorim, Kamila Natielly Gomes, Raquel Parizotto e Yasmim Santana, por serem a alegria de minha vida, meu apoio. Meu coração é de vocês. Obrigada por me ensinarem a amar *Ubuntu*.

A todos já citados, que acreditaram e confiaram em mim e no meu trabalho.

Certa vez, quando tinha seis anos, vi num livro sobre a Floresta Virgem, "Histórias Vividas", uma imponente gravura. Representava ela uma jibóia que engolia uma fera. (...) Dizia o livro: "As jibóias engolem, sem mastigar, a presa inteira. Em seguida, não podem mover-se e dormem os seis meses da digestão." Refleti muito então sobre as aventuras da selva, e fiz, com lápis de cor, o meu primeiro desenho. (...) Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhes fazia medo. Responderam-me: "Por que é que um chapéu faria medo?" Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jibóia digerindo um elefante. Desenhei então o interior da jibóia, a fim de que as pessoas grandes pudessem compreender. Elas têm sempre necessidade de explicações. As pessoas grandes aconselharam-me deixar de lado os desenhos de jibóias abertas ou fechadas, e dedicar-me de preferência à geografia, à história, ao cálculo, à gramática. Foi assim que abandonei, aos seis anos, uma esplêndida carreira de pintor. Eu fora desencorajado pelo insucesso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, estar toda hora explicando.

Antoine de Saint-Exupéry, O pequeno príncipe



RESUMO

Este trabalho pretende abordar uma visão de como a arte-educação age no ambiente escolar, oferecendo aos estudantes uma forma de dialogar e se posicionar sobre seus pontos de vista, bem como despertar neles uma sensação de bem estar e pertencimento para com o espaço escolar. Mostrando possibilidades que acontecem por meio do ensino da arte, a partir da análise da relação dos alunos com o espaço escolar e com o fazer artístico. As organizações hierárquicas escolares tiram dos estudantes suas individualidades, reduzindo os mesmos à condição de apenas reprodutores de informações. A arte na educação permite abrir espaço, no cotidiano escolar, para os alunos exercerem uma individualidade no ambiente. Através da arte-educação os alunos podem alcançar certa autonomia de pensamento e se manifestarem por linguagens múltiplas, expondo seus pontos de vista e exercendo suas identidades.

Palavras chave: arte-educação, pertencimento, espaço, autonomia.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	01
2. A LINGUAGEM COMO FORMA DE PODER	
2.1 FORMAS DE PODER E ORGANIZAÇÃO ESCOLAR.....	03
2.2 IDENTIDADE DO ALUNO NO AMBIENTE ESCOLAR.....	09
3. A ARTE: A LINGUAGEM DOS ESTUDANTES	
3.1 ARTE E LINGUAGEM.....	13
3.2 ARTE-EDUCAÇÃO.....	17
4. UMA EXPERIÊNCIA POSSÍVEL - CEAN	
4.1 ANÁLISE.....	24
4.2 CEAN - UMA BREVE APRESENTAÇÃO.....	24
4.4 A PROFESSORA DE ARTES.....	25
4.5 AS AULAS DE ARTES.....	25
4.6 OS MURAIIS COMO PRÁTICA ARTÍSTICA E OCUPAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR PELOS ALUNOS.....	26
4.7 ENTREVISTAS.....	27
5. CONCLUSÃO.....	35
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37
7. ANEXOS	39

INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende abordar a arte educação no espaço escolar como uma possibilidade, tanto para a estética dos ambientes escolares, quanto para a relação que a arte possa suscitar aos estudantes, de bem estar e pertencimento ao ambiente escolar.

A origem dessa linha de pesquisa se deu por uma série de coisas que me levaram a indagar principalmente a questão do aluno perante o ambiente escolar e a influência que o espaço exerce sobre os estudantes.

Através da disciplina de Estágio dois, na Universidade de Brasília tive a oportunidade de escolher o colégio CEAN, como requisito para observação e regência para do estagio obrigatório. Cheguei ao colégio sem muitas expectativas e com o tempo deixei de olhar para a escola com uma visão de julgamento e percebi que estava ali para aprender. Dessa forma, tentei extrair o máximo que pude de todas as experiências que ali tive. Pude perceber detalhes mínimos, porém muito curiosos, a respeito da relação que os estudantes tinham com o espaço físico e com a instituição escolar em si. Percebi que a disciplina de artes era significativa para essa relação.

A partir das observações em estágio, concomitantemente a uma disciplina que cursei no mesmo semestre, de Introdução à Filosofia, na qual foi solicitado a análise de um livro chamado *Aulas Sobre a Vontade de Saber* (2014) que é a transcrição do primeiro curso de Michel Foucault no Collège de France. Foi proposto então que fizéssemos uma análise das ideias abordadas no livro perante nossa área de estudo. Comecei a indagar então o papel da escola perante aos alunos, sobre as investigações sobre poder debatidas em textos de Foucault. Observei que a disciplina de artes, mesmo não estando isenta das formas de poder exercidas em sala de aula pelos professores, era uma das disciplinas que mais abria oportunidades para os estudantes criarem e resignificarem informações, dando espaço para os estudantes exercerem suas próprias identidades no espaço escolar.

Com todas essas percepções, passei a pesquisar um pouco mais sobre estética, identidade, relações de poder no ambiente escolar, entre outros assuntos. E decidi me aprofundar na perspectiva da apropriação de estudantes com o ambiente escolar através das produções realizadas em arte-educação.

O trabalho encontra-se dividido em três partes. A primeira “**A linguagem como forma de poder**”, traz uma abordagem de como o colégio e os professores ocupam esse lugar de poder através da linguagem verbal; aborda também como essas organizações de poder no espaço escolar geralmente privam os estudantes da ação e da fala, transferindo, para os mesmos, um aspecto de meros transmissores de conhecimento.

No segundo momento, titulado de “**Arte: a linguagem dos estudantes**” foi feita uma abordagem de como a arte é considerada nos PCN, tanto a nível fundamental quanto médio, como uma área de linguagens e códigos. Foi abordado como a arte-educação permite aos estudantes exercerem suas opiniões e exercerem a fala através da linguagem não-verbal.

Já no terceiro momento, “**Uma experiência possível - CEAN**” tem-se uma análise sobre as práticas no colégio CEAN. Nessa escola, através de propostas realizadas na disciplina de artes, em que os trabalhos dos alunos ganham um lugar de destaque nas paredes do colégio. Os alunos ao terem um momento de exercerem sua opinião no ambiente escolar e ao verem que aquela opinião é reconhecida, acabam por se sentirem mais valorizados e aceitos no local, pois dessa forma contribui para que os estudantes passem a se enxergar como importantes na construção do espaço do local.

2. A LINGUAGEM COMO FORMA DE PODER

2.1 FORMAS DE PODER E ORGANIZAÇÃO ESCOLAR

“Não há ignorante que não saiba uma infinidade de coisas, e é sobre esse saber, sobre essa capacidade em ato que todo ensino deve se fundar.”

Jacques Rancière

No ambiente escolar há muitas formas de organizações e varias formas de hierarquias que constituem o ensino e a aprendizagem em um modelo. Cada elemento da instituição escolar exerce um papel no ambiente. Esses mecanismos de divisão e organização se articulam para que o ambiente tenha um padrão de comportamento dentre todos os indivíduos envolvidos. Segundo Fleuri, a escola se organiza de seguinte forma:

A distribuição dos indivíduos no espaço, mediante a cerca, o quadriculamento, a fila, forma um "quadro" real e ideal que permite identificar, classificar e controlar os indivíduos. O quadro é, assim, um processo de saber porque permite classificar e verificar relações. E uma técnica de poder, porque permite controlar um conjunto de indivíduos. O controle das atividades é feito mediante o horário, que induz os indivíduos a se dedicar e a cumprir fielmente o que foi predeterminado. Além, disso, para obter maior eficácia e rapidez, a disciplina impõe uma relação entre um gesto e a atitude global do corpo, assim como entre o gesto e o objeto. Tal eficiência aumenta na medida em que tal "manobra" respeita e incorpora as exigências e o comportamento natural do corpo. (FLEURI, 1996, p.7)

A respeito dessa abordagem de Fleuri, as professoras Luciene Guiraud e Rosa Corrêa descrevem que:

A escola, assim, define espaços, subdivide e recompõe atividades, capitaliza o tempo e as energias dos indivíduos pela disciplina, de maneira que sejam susceptíveis de utilização e controle, articula os indivíduos que se movimentam e se articulam com os outros, ajusta a série cronológica de uns ao tempo dos outros, de modo a aproveitar combinar ao máximo as forças individuais. Esta combinação prevê um sistema preciso de comando, baseado em sinais definidos, que venham a provocar de imediato o comportamento desejado. (CORRÊA; GUIRAUD;2009)¹

¹ CORRÊA; GUIRAUD. Leitura sobre a escola: Relações de poder, Cultura e Saberes. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2200_1295.pdf
Acesso em: 19/04/2015

Dessa forma, obtém-se uma semelhança de comportamentos e uma maior disposição do ambiente escolar para que o mesmo seja parcialmente neutro em todas as instituições com um determinado objetivo, que é o de manter organização e disciplina no espaço em geral.

Além da organização espacial, para se alcançar um determinado objetivo há também a organização das funções: tem-se a direção, a secretaria, os professores, funcionários em geral e os estudantes. Cada um com sua função normativa dentro da instituição. No presente trabalho será destacado apenas o papel exercido pelo o professor e pelos alunos na instituição e como essa organização acaba por atingir o influenciar as relações que o aluno estabelece com o ensino e com o espaço escolar, por ser uma relação marcada fortemente sobre hierarquias e formas de poder.

O professor exerce no ambiente escolar o papel que, para Foucault (2014), seria o papel do portador da verdade, pois ele é quem dita e avalia os conteúdos ministrados e examinados no espaço escolar. O professor seria em sala de aula, a pessoa máxima do ambiente escolar a quem o aluno deveria prestar disciplina.

Para Weber a ação de um homem ou demais homens que exercerem uma função perante uma ação comunitária já é denominado como uma forma de poder, pois “a possibilidade de que um homem, ou um grupo de homens, realize sua vontade própria numa ação comunitária, até mesmo contra a resistência de outros que participam da ação” (WEBER, 2002, p. 211). Dessa forma o professor em sala de aula não só exerce uma função comunitária de destaque sobre os alunos, o educador é o detentor de um lugar a frente dos demais e é também quem faz o uso palavra no ambiente escolar, palavra que na escola assume o papel da verdade. Foucault descreve a parrhesia² como essa fala verdadeira e o poder que ela exerce sobre os ouvintes:

² A palavra *parrhesia* aparece pela primeira vez na literatura grega em Eurípedes (ca. 484-407 a.C.) e ocorre através do antigo mundo grego das letras desde o fim do século 5 a.C. *Parrhesia* é comumente traduzido para o inglês como *free speech*, em francês por *franc-parler* e em alemão por *Freimüthigkeit*. *Parrhesiazomai* é usar a parrhesia, e o *parrhesiastes* é quem usa a *parrhesia*, i.e. é aquele que fala a verdade.

O objetivo da parrhesia é fazer com que, em um dado momento, aquele a quem se endereça a fala se encontre em uma situação tal que não necessite mais do discurso do outro. De que modo e por que não necessitará mais do discurso do outro? Precisamente, porque o discurso do outro foi verdadeiro. É na medida em que o outro confiou, transmitiu um discurso verdadeiro àquele a quem se endereçava que este então, interiorizando este discurso verdadeiro, subjetivando-o, pode se dispensar da relação com o outro (FOUCAULT. 2004 p. 458).

Em sala de aula, assim como exposto por Foucault, é o professor quem tem a legitimidade da fala e por seu discurso representar o verdadeiro, ele cala a voz do ouvinte. Para os alunos, o professor é detentor do discurso da verdade. Assim, ao professor assumir esse papel de posse do discurso, relativamente, se assume uma relação de hierarquia perante o qual quem apenas ouve o discurso:

O discurso é o local em que o poder é verdadeiramente exercido, colocado em ação. O discurso é parte de uma prática social e contribui para a reprodução das estruturas sociais. Se há, portanto, restrições sistemáticas sobre o conteúdo do discurso e sobre as relações sociais colocadas em ação no discurso, isso pode resultar, em longo prazo, em efeitos sobre o conhecimento, as crenças, as relações e as identidades sociais de uma instituição ou sociedade. (FAIRCLOUGH, 1989 pp.61-62. Apult BARBOSA. 2011)

A palavra, tanto para Fairclough como para Foucault, está diretamente ligada à construção da identidade e ao poder. Ao se ter o poder da palavra concentrado em apenas um indivíduo, que exerce um discurso de soberania sobre os demais, a palavra acaba agindo como legitimadora desse poder, sobre os demais, que são passivos e aceitantes desse discurso. Ana Paula Goulart Ribeiro aborda questões a respeito da palavra abordadas em Foucault, trazendo a seguinte perspectiva:

Todo discurso é ideológico. Todo discurso é discurso de poder. Isso porque o poder não é uma força estranha ao discurso que, em um determinado momento, dele se apodera. O poder mora no interior do próprio discurso. Faz parte da sua arquitetura textual. Todo dispositivo de enunciação é um dispositivo de poder. (RIBEIRO)³

Disponível em: <file:///C:/Users/Raphaela/Downloads/1550-4188-1-PB.pdf> Acesso em: 21/04/2015

³ RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Discurso e poder: a contribuição barthesiana para os estudos de linguagem. Disponível em: www.pos.eco.ufrj.br/site/download.php?arquivo=upload/ana-p.pdf

Acesso em: 03/04/2015

O professor é o agente máximo com qual o aluno se relaciona, e seu papel é de ser um mediador do conhecimento, de forma a dar espaço para os alunos serem os principais atores do processo de aprendizagem. Porém, por ser detentor do discurso, o professor também acaba tendo um distanciamento dos estudantes. Cabe ao professor minimizar essa diferença que está inserida em sala de aula entre ele e o aluno, usando sua competência e domínio para trazer ao aluno uma sensação de aceitação e romper relações ditatórias:

Instruir pode, portanto, significar duas coisas absolutamente opostas: confirmar uma incapacidade pelo próprio ato que pretende reduzi-la ou, inversamente, forçar uma capacidade que se ignora ou se denega a se reconhecer e a desenvolver todas as consequências desse reconhecimento. (RANCIÈRE, 2002 p. 11)

O aluno é, muitas vezes, passivo. Apenas um expectador do que acontece no ambiente escolar. Seu momento de fala é mínimo. Não só a fala lhe é recusada como o direito de participação e escolha de qualquer atividade que componha sua aprendizagem. Ele é recolhido a uma instância mínima, em que até suas necessidades básicas (ir ao banheiro e beber água) são reguladas pelo professor. O aluno se torna um espectador, no sentido de ser apenas um observador do que acontece em sala de aula. Para Jacques Rancière:

Primeiramente, olhar é o contrário de conhecer. O espectador mantém-se diante de uma aparência ignorando o processo de produção dessa aparência ou a realidade por ela encoberta. Em segundo lugar, é o contrário de agir. O espectador fica imóvel em seu lugar, passivo. Ser espectador é estar separado ao mesmo tempo da capacidade de conhecer e do poder de agir. (RANCIÈRE. 2005, p. 8)

Se o discurso ou no caso a fala está ligada às formas de poder que manipulam a identidade pessoal, o aluno só se torna portador de uma participação ativa no ambiente escolar quando, de alguma forma ele pratica uma fala, seja ela em qualquer símbolo existente. Dessa forma o aluno acaba sendo passivo de tudo que o envolve no espaço escolar. Na maior parte das vezes, reduzidos à repetição da palavra ditada pelo professor, apenas reproduzindo, seja em provas ou exercícios, o que foi previamente estabelecido pelo professor. Não só pela ausência da palavra, o aluno se torna passivo, em quase todos os momentos no ambiente escolar, não tendo o direito de expor seus pensamentos e

de ressignificar o que foi falado pelo professor ou demais membros do espaço escolar. Dessa forma o aluno acaba se tornando um mero repetidor da palavra e assumindo a verdade do professor.

O professor também se mostra portador de uma ideologia, pois ele transmite o conhecimento segundo suas verdades e geralmente o aluno reproduz isso por não ter um comparativo e também não possuir um momento de ressignificar o que lhe foi ensinado. O discurso, além de estar atrelado ao poder, está ligado também à identidade, identidade não só ligada a quem exerce a fala. Essa identidade acaba por influenciar quem a escuta e a aceita passivamente. Elaine Barbosa diz sobre a identidade que se cria a partir do momento de fala, que “o conceito de práticas discursivas é essencial para analisar o processo discursivo de construção de identidades, visto que o discurso possui um papel constitutivo que contribui para a construção de identidades sociais” (BARBOSA, 2011 p. 26)⁴

Ao se exercer a fala, você acaba construindo e criando uma identidade de si. “Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. [...] Assim o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si.” (AMOSSY, 2008, p.12). Pela prática da fala, o interlocutor termina por afirmar sua identidade pessoal, dispensando apresentações. Ao exercer a fala acaba-se também por enunciar características pessoais do indivíduo.

Ao possuir um ambiente através do qual o aluno possa de alguma forma se expor ou dar visualidade ao que aprende no cotidiano escolar, acaba criando com o ambiente uma relação de apropriação e pertencimento, pois se sente participante e formador do espaço em que está envolvido. Ao possuir essa participação no ambiente, ele se liberta e rompe com o discurso transmitido pelo professor, trazendo como primeiro plano seu próprio discurso. Ele se tornando o primeiro plano, consegue aprender e se sentir constituinte do ambiente no qual está inserido, num processo de emancipação do conhecimento. Rancière afirma que a palavra emancipação significa: “o embaralhamento da fronteira entre os que

⁴BARBOSA, Elaine Caldeira Gonçalves. A constituição discursiva de Identidades xerentes no espaço escolar multicultural.

Disponível em:

http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11000/3/2011_ElaineBarbosaCaldeiraGoncalves.pdf

Acesso em: 05/05/2015

agem e os que olham, entre indivíduos e membros de um corpo coletivo.” (RANCIÈRE. 2012 p.23).

Com essas formas de organização e hierarquia que constituem o ambiente escolar, principalmente no espaço da sala de aula, gera-se uma relação em que o aluno se sente diminuído e posto de lado em seu ambiente de estudo. Ele não consegue visualizar qual o seu papel e qual a sua função no local, contribuindo assim para uma rejeição com o ambiente que, notavelmente, o rejeita também.

2.2- IDENTIDADE DO ALUNO NO AMBIENTE ESCOLAR

Ao pesquisar em alguns dicionários o significado para a palavra identidade, encontra-se, entre outras palavras, a seguinte enunciação: Identidade pessoal, consciência que alguém tem de si mesmo. Pode-se observar que, se a palavra sugere uma consciência de si, a identidade do estudante analisada na perspectiva escolar acaba sendo normalmente esquecida. Primeiramente, porque o espaço e as organizações pessoais deslegitimam quase todas as funções do aluno, tirando dele qualquer que seja a sensação de consciência de si mesmo. Paulo Freire diz que:

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. (FREIRE. 1987, p 57)

Segundo Freire o aluno é tido como “depósito”. O ambiente e as organizações incentivam que, quanto mais passivo o estudante for, mais bem visto e aceito ele será para o professor. O aluno que indaga, contraria e se manifesta é motivo de desaprovação entre os professores, o que gera um espaço onde os estudantes não têm representatividade.

Claudio Saiani aborda em uma coleção sobre o pensamento de Jung e a educação sobre o inconsciente do aluno no ambiente escolar, dizendo que “não consideram o aluno como pessoa, capaz de ter reações, sentimentos e pensamentos próprios” (SAIANI. 2000. pp 2-3), e que esse comportamento gera no inconsciente do aluno uma sensação de não pertencimento ao local, pois o ambiente nega quase toda a identidade/individualidade dos alunos.

E como a fala está ligada às formas de poder que manipulam a identidade pessoal, o aluno só se torna portador de uma participação ativa no ambiente escolar quando de, alguma forma, ele pratica uma fala, seja ela em qualquer símbolo existente. Rancière afirma que o conhecimento só ira ocorrer na medida em que os alunos começarem a ser vistos como seres dotados de consciência e tratados como iguais, “na condição de homens, como se responde

a alguém que vos fala e não a quem vos examina: sob o signo da igualdade” (Rancière.2002 p. 24.) o estudante aprende mais quando ele é tratado como igual, não como inferior, pois assim ele consegue assimilar e se comunicar. No momento em que uma estrutura coloca o estudante em uma relação de inferioridade, seu inconsciente recebe aquele estímulo e ele acaba aceitando o papel ao qual o designaram.

É o explicador que tem necessidade do incapaz, e não o contrario, é ele quem constitui o incapaz como tal. Explicar algo a alguém é antes de mais nada, demonstrar-lhe que não pode compreendê-la por si só. (RANCIÈRE, 2002 p. 20)

Não é o estudante que não se sente capaz, é um sistema que o diminui e essa diminuição afeta, tanto na construção de sua personalidade, como na forma em que o indivíduo se adapta ao ambiente em que está condicionado.

Aos poucos as formas de ensino e, principalmente, os estudantes, vão sendo moldados para que se adquira uma passividade dos mesmos:

Domesticação pode ser definida como um processo através do qual se cria uma consciência passiva de submissão tanto a pessoas como a um sistema, seja social, seja econômico ou educacional. Embora constitua uma atitude pessoal de aceitação sem questionamento da própria vida e da realidade, implica uma sujeição a uma determinada ordem social estabelecida tomando-a como definitiva e permanente e, portanto, imutável (ROSSATO, 2010 p. 129).

Essa domesticação presente no ambiente escolar proporciona espaço em que os alunos sejam mais manipuláveis, porem também leva a um assujeitamento do individuo.

Leva a pessoa à acomodação aos valores vigentes criando uma atitude de internalização dos valores dominantes, o que impede qualquer questionamento ou verbalização que conteste o sistema. Leva à perda da subjetividade fazendo com que a pessoa perca a capacidade de construção de um pensamento crítico, abrindo mão de sua palavra sobre si, sobre a história, sobre o mundo. Em educação é a própria negação da pedagogia da autonomia. (ROSSATO, 2010 p. 146)

Os alunos acabam aceitando essa passividade, pois, ao negarem a consciência deles, acabam por aceitar a consciência ao qual estão sendo impostos.

Há dois sentidos para a palavra 'sujeito': sujeito submetido a outro pelo controle e a dependência e sujeito ligado à sua própria identidade pela consciência ou pelo conhecimento de si. Nos dois casos a palavra sugere uma forma de poder que subjuga e submete. (FOUCAULT, 1995 p.237)

Dessa forma por serem reprimidos pela organização e pelo ambiente escolar a identidade e o conhecimento do aluno são desviados do foco que é o autoconhecimento, em detrimento do conhecimento impositivo, criando sujeitos de submissão a normas e ao controle. Segundo Freire, essas práticas satisfazem as formas de opressão na sociedade:

Na medida em que esta visão "bancária" anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade, satisfaz aos interesses dos opressores: para estes, o fundamental não é o desnudamento do mundo, a sua transformação. O seu "humanitarismo", e não humanismo está em preservar a situação de que são beneficiários e que lhes possibilita a manutenção de sua falsa generosidade [,,]. Por isto mesmo é que reagem, até instintivamente, contra qualquer tentativa de uma educação estimulante do pensar autêntico, que não se deixa emaranhar pelas vozes parciais da realidade, buscando sempre os nexos que prendem um ponto a outro, ou um problema a outro. (FREIRE. 1987 pp.58-59)

Criam-se, dessa forma, muitas das vezes estudantes não críticos, não só no ambiente escolar, a partir de uma educação formadora de indivíduos submissos/objetos, que acaba influenciando o comportamento do indivíduo em todas as esferas sociais. Assim, a escola cria uma carga enorme de conteúdos aleatórios em que os alunos são obrigados a aceitar, ao passo que esses estudantes não têm momentos suficientes para relacionar e reinterpretar o que lhes é ensinado, aceitando tudo que lhes é imposto. O estudante é colocado em um local mínimo de insignificância em um espaço em que sua função é reproduzir, sua própria consciência é negada em função da consciência de outrem. Isso gera nos alunos uma sensação de frustração e negação do espaço ao qual essa série de imposições é feita.

Rancière aborda que o aluno deve ser sempre inquieto e fazer sempre questionamentos, não se conformando somente com o que lhe é imposto. (Rancière, 2002). Diz ainda que é preciso falar e ser ouvido para só assim o conhecimento ocorrer e possuir significância para o aluno. Quando Rancière diz que devemos emancipar o aluno ele quer dizer que devemos dar a ele um

espaço, tratá-lo como semelhante para que, assim, ele possa se enxergar como indivíduo e ser capaz de aprender e reorganizar conhecimentos com sua própria experiência.

Não é, pois, o procedimento [...] que emancipa ou embrutece, é o princípio. O princípio da desigualdade, o velho princípio, embrutece não importa o que se faça; o princípio da igualdade, emancipa qualquer que seja o procedimento, o livro, o fato ao qual se aplique. (RANCIÈRE, 2002 p.39)

Dessa forma não importa qual método seja utilizado, o importante é não subestimar o aluno e nem tratá-lo como inferior, para que não se sinta incapaz de alguma ação. Ao se tratar com aspectos de igualdade o aluno possuirá mais chances para a aprendizagem, pois dessa forma estará se dando espaço para que o mesmo exerça uma participação no ambiente escolar.

Só a partir do momento em que o estudante realmente fizer parte do ambiente, possuindo caráter participativo, sentindo-se como igual e criador do espaço e importante para o espaço, ele conseguirá ser um indivíduo crítico e ativo, formador de sua própria aprendizagem e não só um objeto ou 'deposito' de conhecimentos.

3. ARTE: A LINGUAGEM DOS ESTUDANTES

ARTE E LINGUAGEM

“A estrutura da língua que uma pessoa fala influencia a maneira com que esta pessoa percebe o universo ...”
Vygotsky

A comunicação e a linguagem não são restritas à escrita ou fala. Existem várias formas de linguagem, dentre elas a linguagem não verbal. Lucia Santaella, em seu livro *O que é semiótica* (2007), discorre de maneira bem

simplificada sobre as varias formas de linguagens:

Em síntese: existe uma linguagem verbal, linguagem de sons que veiculam conceito e que se articulam no aparelho fonador [...], mas existe simultaneamente uma variedade de outras linguagens, que também se constituem em sistemas sociais e históricos de representação no mundo. (SANTAELLA, 2007 p.11)

Desse modo a arte é considerada uma forma de linguagem que representa o mundo através de imagens ou objetos. A forma de linguagem que abrange as imagens é denominada como linguagem não-verbal. Tanto como é possível à leitura na linguagem verbal, a linguagem não-verbal também é suscetível a leituras e interpretações. A leitura da imagem, porem é feita a partir de outros elementos. Tânia Souza cria o conceito de policromia, em que a forma como a imagem se apresenta a nossa visão e deve ser lida:

[...] por associação ao conceito de polifonia, formulamos o conceito de policromia buscando analisar a imagem com mais pertinência. O conceito de policromia recobre o jogo de imagens e cores, no caso, elementos constitutivos da linguagem não-verbal, permitindo, assim, caminhar na análise do discurso do não-verbal. O jogo de formas, cores, imagens, luz, sombra, etc. nos remete, à semelhança das vozes no texto, a diferentes perspectivas instauradas pelo eu na e pela imagem, o que favorece não só a percepção dos movimentos no plano do sinestésico, bem como a apreensão de diferentes sentidos no plano

discursivo-ideológico, quando se tem a possibilidade de se interpretar uma imagem através de outra. (SOUZA, 1997)⁵

Souza mostra como são as formas possíveis da leitura imagética através de elementos visuais como a textura, luz, formas, entre outros que compõem a imagem e direciona um significado à mesma.

A autora ainda explicita que, a partir da leitura feita pelos elementos disponíveis na imagem, torna-se dispensado o uso da fala para interpretar a imagem, pois mesmo sem a palavra a imagem pode ser compreendida:

Ler uma imagem, portanto, é diferente de ler a palavra: a imagem significa não fala, e vale enquanto imagem que é. Entender a imagem como discurso, por sua vez, é atribuir-lhe um sentido do ponto de vista social e ideológico, e não proceder à descrição (ou segmentação) dos seus elementos visuais. (SOUZA, 1997)

Portanto a imagem não necessariamente necessita da palavra para se constituir enquanto linguagem/discurso. Ela tem mecanismos próprios dos quais sua leitura pode ser feita sem a necessidade da linguagem verbal. Ana Mae cita Susanne Langer e comenta o posicionamento da autora acerca da linguagem visual:

Para ela o homem ou a mulher tem dois sistemas de conhecimento -- o discursivo e o presentacional -- que representam duas formas de captação da realidade que se complementam para uma compreensão integral do mundo. O modo discursivo de pensar corresponde ao uso dos processos lógicos dos métodos científicos e aos campos verbais e escrito da linguagem. O modo presentacional corresponde à arte. (BARBOSA, 1985, p. 56)

Dessa forma existem distinções acerca da linguagem verbal e não-verbal. Contudo constantemente uma linguagem é utilizada em detrimento da outra, o que acaba por gerar incertezas acerca da capacidade das duas existirem em unicidade como linguagem sem que se anulem. No livro *Diálogo/Desenho*

⁵ SOUZA, Tania C. Discurso e imagem. Perspectivas de análise não verbal. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/viewFile/240/128> Acesso em: 16/05/2015

(2010) Marcia Tiburi deixa clara essa dúvida a respeito da existência das duas linguagens e a forma como elas se apresentam na seguinte passagem:

Penso no desenho analogamente à questão da língua: se um dia cheguei à ordem das palavras e me tornei humano – o que significa nunca mais poder sair da ordem da linguagem – [...] Seria o desenho uma língua não adquirida? Seria o desenho uma língua perdida ou tão simplesmente substituível pela língua das palavras? Ou seria as palavras só o que restou do desenho? (TIBURI. 2010, p12)

Tanto para Susanne Langer, quanto para Ana Mae o modo verbal da linguagem e o presentacional não se excluem. Ao serem pensados em unicidade, para elas os meios de comunicação visual e verbal “growuptogether in reciprocal tutelage”⁶. (LANGER. 1958, p.7). Ana Mae descreve sobre essa diferença nas formas de linguagem que:

A tradicional dicotomia entre linguagem verbal e visual encontra uma séria oposição na estética cognitiva que, embora esclarecendo alguns diferenciais, desencorajam o contraste, mostrando que partilham ambas de um processo similar de percepção e construção mental. (BARBOSA. 1985, p.62)

Ana Mae aborda que as formas de leitura verbal e visual são semelhantes e possuem características comuns através da linguagem verbal, a experiência que é obtida pela arte se enriquece e se complementam.

A verbalização que vem sendo reavaliada em arte-educação por diferentes correntes não é, contudo, um mero enriquecimento ou tradução da arte visual [...], mas uma verbalização congruente com a extensão de significado da representação simbólica e com a experiência estética. (BARBOSA. 1985, p.68)

Desse modo, a arte tanto pode ser analisada como discurso e forma linguagem sem o aparato de outras linguagens, como também é possível à junção das duas linguagens.

Dessa forma, a arte sendo também uma forma de linguagem, proporciona que seja transmitida uma informação. E ao se pronunciar algo, seja

⁶ “Crescem juntos em recíproca tutelagem”.

através da linguagem verbal, seja pela linguagem não verbal, está se exercendo uma relação com o poder que o discurso traz enquanto modo de um indivíduo impor suas ideias e pensamentos.

Assim através da arte, consegue-se a possibilidade de transmitir pensamentos e ideias. Atualmente a maioria das informações é transmitida através de imagens, dessa forma, “concebendo o homem moderno como essencialmente visual, não se pode isolá-lo de sua relação com a cultura de um mundo onde o que é produzido é para ser visto.” (BOSI.2003, p. 65)

Quando se usa da linguagem não verbal como meio de expressão, como uma forma de exposição do pensamento de um indivíduo singular, a imagem se torna um meio pelo qual o indivíduo expõe suas ideologias. Quando essa imagem é percebida por outras pessoas, a mensagem que o artista comunicou é transferida para o observador, sendo assim, a imagem é uma forma de exercer um discurso sobre os espectadores que a observam.

3.2 ARTE-EDUCAÇÃO

Longe de ser uma entidade fechada em si, toda obra de arte que merece esse nome passa a existir no contato com o receptor, e renasce a cada nova interação com um novo espectador ou ouvinte. A fruição artística é, na verdade um diálogo.

Umberto Eco

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S) do ensino médio preveem que conhecer artes no ensino médio é uma forma dos alunos se apropriarem dos saberes inseridos no ensino fundamental, colocando também novas possibilidades de aprendizagem aos alunos que se estabelecem no Ensino médio. (BRASIL. 2000)

Dessa forma, os PCN'S no ensino fundamental, na modalidade de arte, indicam como objetivo que os alunos dentre uma serie de competências sejam capazes de:

Utilizar as diferentes linguagens — verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação.(BRASIL. 1998, v. 7, pp. 7-8)⁷

Através da produção artística o aluno possui um meio com o qual ele pode se expressar no ambiente escolar. A arte é um dos instrumentos que possibilita a comunicação que é negada ao aluno. Ela ainda permite que através da produção artística o aluno possa ressignificar os conteúdos vistos em outras disciplinas, como também possibilita que o estudante traga experiências cotidianas vivenciadas pelo aluno no seu dia-a-dia para dentro do ambiente escolar.

⁷ Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC / SEF, 1998.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>

Acesso em: 16/05/2015

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que nossas experiências geram um movimento de transformação permanente, que é preciso reordenar referências a cada momento, ser flexível. Isso significa que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. Ao aprender arte na escola, o jovem poderá integrar os múltiplos sentidos presentes na dimensão do concreto e do virtual, do sonho e da realidade. Tal integração é fundamental na construção da identidade e da consciência do jovem, que poderá assim compreender melhor sua inserção e participação na sociedade. (BRASIL. 1998, v. 7, p. 20)²

Arte-educação como meio de linguagem e expressão, previstas nos PCN'S do ensino fundamental, se fazem valer também para propostas dentro do ensino médio.

A arte não seria só a portadora de um diálogo, ela também contribui como cita o PCN, para que o aluno crie uma identidade e uma consciência de si mesmo. Dessa forma os alunos se sentem mais inseridos em um meio social, no caso o ambiente escolar. No componente do nível médio, a modalidade de artes visuais no PCN insere que os conteúdos devem ser uma continuação das propostas apresentadas nos níveis fundamentais. Estando também localizada na modalidade de Linguagens e Códigos dentro dos PCN'S, "a arte é considerada particularmente pelos aspectos estéticos e comunicacionais. [...] por meio da arte manifestamos significados, sensibilidades, modos de criação e comunicação sobre o mundo e da natureza." (BRASIL. 2000, v. II, p. 48)⁸

Assim, a arte-educação deve se pautar em seu caráter comunicacional e sensível, permitindo ao estudante usufruir no ambiente escolar, tanto do aspecto sensível do seu ser, como também se comunicar, permitindo assim ao estudante o direito da fala através de experiências sensíveis. Deste modo a arte educação age como:

[...] uma linguagem aguçadora dos sentidos transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como a discursiva e a científica. Dentre as artes, as visuais, tendo a imagem como matéria-prima, tornam possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos. Relembrando Fanon, eu diria

⁸BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio. Brasília: MEC/SEMTEC, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf> Acesso em: 16/05/2015

que a arte capacita um homem ou uma mulher a não ser um estranho em seu meio ambiente nem estrangeiro no seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence, reforçando e ampliando seus lugares no mundo. (BARBOSA, 2009)⁹

Como afirma Ana Mae, a linguagem visual não só aguça os sentidos, ela faz com que se crie a ideia de pertencimento a um espaço ou ambiente, fazendo com que o indivíduo se sinta inserido até mesmo em um lugar que tenta tirar essa individualidade das pessoas, como no caso do ambiente escolar. Exatamente por aguçar os sentidos, a arte-educação colabora para que o estudante se sinta parte do espaço escolar, pois fornece instrumentos para que o aluno se torne um ser sensível com o ambiente. A arte possibilita meios para que o indivíduo possa expressar seus sentimentos e sensações:

A Arte, no sentido aqui proposto – ou seja, o termo genérico abrangendo pintura, escultura, arquitetura, música, dança, literatura, drama e cinema – pode ser definida como a prática de criar formas perceptíveis expressivas do sentimento humano. Digo formas “perceptíveis e não “sensórias” porque algumas obras de arte se oferecem mais à imaginação do que aos sentidos exteriores [...]. Todas as obras de arte, porém, são formas puramente perceptíveis, que parecem encarnar alguma sorte de sentimento. (LANGER . 1971 p, 82)

Sentimento que Langer descreve como:

Sentimento (feeling), como aqui emprego a palavra, tem um significado muito mais amplo do que o definido pelo vocabulário técnico de Psicologia, onde apenas denota prazer e desprazer, ou mesmo nos limites cambiantes do discurso ordinário, onde às vezes significa sensação (como quando alguém diz que não sente um membro paralisado) às vezes sensibilidade (como quando falamos de ferir os sentimentos de alguém), às vezes emoção (como quando se diz que uma situação lacera os nossos sentimentos ou evoca um sentimento terno), ou uma atitude emocional direta (como quando dizemos experimentar um sentimento intenso acerca de alguma coisa), ou mesmo nossa condição geral, mental ou física, quando nos sentimos bem ou mal, melancólicos ou um tanto ufanos. A palavra, como aqui a uso, ao definir Arte como criação de formas perceptíveis expressivas do sentimento humano, compreende todos esses significados: aplica-se a tudo quanto possa ser sentido, (LANGER. 1971 p, 82)

⁹ BARBOSA, Ana Mae. Processo Civilizatório e Reconstrução Social Através da Arte. Disponível em:

http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais12/artigos/pdfs/mesas_redondas/MR_Bar_bosa.pdf

Acesso 13/05/2015

Dessa forma, através da expressão artística, o indivíduo se conecta com seus sentimentos mais profundos e os traduz em forma de imagem. A arte-educação traz para o ambiente escolar a ideia de individualidade dos alunos, pois logo que se cria um objeto artístico, o mesmo vai embutido de características da pessoa criadora. Marcia Tiburi expõe claramente a questão da junção pessoa-criadora junto com a questão da imagem criada:

Quando desenho, se “desenho-um-desenho”, isso faz nascer a obra, mas, ao mesmo tempo, quando *sou eu-que-desenho*, sou eu que nasço no ato próprio do que crio. [...] me torno meu significante. Mais que isso, vou-junto do significante que crio. (TIBURI. 2010, p. 22)

Portanto, a produção artística é a junção de linguagem e sentimento, pois a “arte é manifestação de um sujeito que se faz ver e nos mostra por sua produção uma ‘sujeitidade’, uma ‘pessoalidade’ e uma ‘coletividade’, todas as dimensões instaladas num único discurso visual”. (FRANGE, 2008, p. 40). A arte contribui para que a individualidade de quem a produz seja transmitida por sua obra.

O indivíduo, por meio de suas expressões artísticas (escultura, pintura, poesia...), é capaz de reproduzir seu mundo interior, seus desejos, anseios e frustrações. A arte permite articular o íntimo mais obscuro com a realidade externa. (LINS 2007, p. 47)

Desse modo, o diálogo feito através das imagens se constitui também uma enunciação que parte de quem produz a arte para quem observa. A arte é “um grito silencioso de significados” (Fernando Chuí, p. 20), pois ela é a expressão de um ser que se mostra através da representação, seja em forma de imagem ou em forma de objeto. A partir do momento em que se cria, a obra se torna instantaneamente significador de uma mensagem, ou seja, portador de um discurso através da linguagem visual. A arte-educação então contribui para que o sentimento do indivíduo que a produz seja manifestado no ambiente escolar:

O sentimento, na sua função de conhecimento, alcança, para além da aparência do objeto, a expressão. A expressão é o poder de emitir signos e de exteriorizar uma interioridade, isto é, de manifestar o que o objeto é para si. (ARANHA & MARTINS. 1993, p347)

Contudo, para que a mensagem contida na obra seja transmitida, é necessário à visualização da mesma. O ato de expor essa obra no ambiente escolar garante para a imagem essa exterioridade e a torna acessível a outras pessoas: “existir fora de si, assumir corpo fora de seu próprio corpo, exportar-se, equivale a expor” (CAUQUELIN, 2008, p.121). Portanto, a produção artística personifica o indivíduo produtor da obra e lhe garante uma exterioridade. Ainda sobre essa perspectiva do tomar forma fora de corpo, Coccia traz a seguinte perspectiva abordando a imagem como a forma de exterioridade:

A imagem não é senão a existência de algo fora do próprio lugar. Qualquer forma e qualquer coisa que chegue a existir fora do próprio lugar se torna imagem. Nossa forma se torna imagem quando é capaz de viver para além de nós, para além da nossa alma, para além de nosso corpo, sem que ela mesma se torne um outro corpo, já que é capaz de viver como que na superfície de outros corpos” (COCCIA, 2010, p.22)

Nessa perspectiva, a imagem só existe como discurso a partir do momento em que ela é vista por outro indivíduo: “É a visibilidade que permite a existência, a forma material da imagem “(SOUZA, 1997)¹⁰

Por um lado, a produção artística revela características de quem a produziu e no instante que ela é aberta para novos diálogos e apresentada para outros olhares, ela também se torna significativa de quem a enxerga e ressignifica:

[...] para o historiador de arte, o documento, a peça de arquivo, o sinal característico que identificam a obra, constituindo seu estado civil e salientando a sua posição em relação à época; ele reside na própria obra, que se oferece a leitura, deixando transcrever o que o homem pôs nela intencionalmente, como aquilo que, inconscientemente, revelou de si próprio e do grupo humano a que pertence. Finalmente, a obra põe em jogo não só a psicologia do artista, como também a do espectador. (HUYGHE. 1986, p.18)

Nessa perspectiva, a imagem só existe como discurso a partir do momento em que ela é vista por outro indivíduo. Lima comenta uma das

¹⁰ SOUZA, Tania C. Discurso e imagem. Perspectivas de análise não verbal. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/viewFile/240/128>

concepções de Vygotsky¹¹ a respeito da psicologia da arte, que estuda tanto a relação de quem produz a arte como a da recepção dessa produção:

Para Vygotsky, se a psicologia da arte estuda o comportamento estético, engloba tanto a produção quanto a recepção da obra de arte, seu objetivo se destaca do fundo de experiências vividas, das complexidades dos processos e funções psicológicas diversas (cognitivas, perceptuais, emocionais), dos seus múltiplos aspectos contextuais, materiais diversos, condições e condicionamentos objetivos (sociais, culturais e ideológicos), da multiplicidade e heterogeneidade envolvidas na experiência artística "real". (LIMA. 2000, pp 77-78)

A arte, como se pode ver claramente não é só um estudo voltado para o fazer da obra, ela também tem que se preocupar com a visualização da mesma. Arte só se constitui como linguagem quando possui o olhar do outro, olhar que ressignifica. Dessa forma, acrescenta à obra a partir de uma outra perspectiva. Fernando Chuí deixa clara a importância do olhar do outro na produção artística, explicitando o desenho em particular, quando coloca a seguinte questão:

O desenho revela, antes da beleza, esta verdade. Não a verdade do autor, mas do seu espectador. É como a figura do herói, que só é amado pelo povo por revelar o lado bom de cada pessoa. O resgate do olhar ao desenho é a salvação do próprio gesto para com a vida. (TIBUTI. 2010, p.30)

Assim é a obra de arte, não só o desenho, como a colagem, pintura, entre outros. Quando exposta e quando vista por outras pessoas a partir de cada novo olhar, surge uma nova 'vida' para obra, pois a mesma ganha novos significados. Fernando ainda acrescenta que o "desenho que se realiza para si próprio é algo que não serve pra nada", pois ao não ser visto ele fica esquecido e ao ser esquecido ele se perde na memória e não é embutido de ressignificações.

Com base em todos esses aspectos, a arte como linguagem/dialogo é uma possibilidade para um indivíduo sensitivo que faz parte e se sente inserido no meio. Através da visualização desse indivíduo acerca de seus trabalhos no ambiente escolar, a arte-educação contribui para que o sujeito se comunique com

¹¹ Lev Semenovitch Vygotsky era um teórico que dedicava suas pesquisas tanto ao desenvolvimento de crianças quanto a relações psicológicas nas artes. Em artes teve grande contribuição ao analisar a linguagem dos signos e símbolos juntamente com a contribuição de suas pesquisas livro *Psicologia da arte* (1999).

o meio e ressignifique o ambiente através de suas próprias produções artísticas. Sobre essas ressignificações que a arte-educação proporciona aos estudantes, Ana Mae Barbosa ressalta:

A Arte na Educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA. 2003, p. 18)

Assim, a arte traz confiabilidade aos alunos para que os mesmos possam se sentir confortáveis com o espaço a ponto de, através de sua criação artística, redefinir ideias e assim potencializar o conhecimento, partindo da produção artística para uma interterritorialidade do conhecimento.

Através da arte educação o estudante encontra um dos possíveis meios onde ele consegue se sentir inserido e aceito dentro do ambiente escolar, em que ele possua um espaço para dialogar opiniões e contextualizar conteúdos. Quando a disciplina é bem mediada por um arte-educador, que elabora projetos e meios para que, dentro do espaço escolar as produções dos estudantes sejam observadas, não só como atividades avaliativas e, sim, como um processo criativo que influencia na relação que o mesmo tem com o ambiente escolar, a arte-educação vira também um intensificador do desenvolvimento que o estudante pode vir a ter com todo o espaço escolar.

4. UMA EXPERIÊNCIA POSSÍVEL - CEAN

“A pintura pode fazer pelos analfabetos o que a escrita faz pelos que sabem ler”.

GOMBRICH

4.1 ANÁLISE

Essa é uma análise sobre como as Artes são trabalhadas no colégio CEAN. Os dados aqui presentes incluem registro fotográfico e entrevista com alguns alunos e com a professora de artes do colégio CEAN.

Para apurar os resultados desta análise, foram entrevistados alguns alunos do colégio do primeiro ano vespertino. Os dados foram recolhidos de duas turmas do colégio. Também foi entrevistada a professora do período vespertino.

A observação tem como objetivo principal identificar como os alunos se sentem perante o colégio, ao perceberem que seus trabalhos de arte possuem um papel importante na estrutura daquele espaço, e, também, analisar se os mesmos identificam os trabalhos de arte como uma forma de expor ideias/opiniões através de imagens. Tenta-se, aqui, estabelecer como forma a relação entre a produção artística em instrumento dos alunos exercerem um meio de exibirem suas ideias e pensamentos no espaço escolar.

4.2 CEAN - UMA BREVE APRESENTAÇÃO¹²

Antes de virar um centro de ensino médio, o colégio era um Centro Experimental de Ensino Médio Integrado – CIEM, que foi inaugurado, em 24 de janeiro de 1964, por Anísio Teixeira. O CIEM era uma escola de turno integral, aberta a experiências pedagógicas. Por motivos políticos, o CIEM fechou e deu origem ao CIB, que funcionava como formador de cursos profissionalizantes da área da saúde. Só em 04 de maio de 1981, a escola foi inaugurada em sua sede

¹² Disponível em: <https://sites.google.com/site/oceanoverdedf/Home/o-cean/historia-da-escola>
Acesso em: 01/06/2015

própria, ocasião em que passou a se chamar Centro Educacional da Asa Norte – CEAN.

O colégio é dividido em cinco pavilhões: um para a secretaria, direção e biblioteca os demais para as aulas, cada sala é reservada para uma disciplina específica.

A instituição oferece apenas o ensino de Artes Plásticas das três modalidades de artes disponíveis no currículo, porém, há algumas oficinas de teatro, dança, agricultura, entre outras, em que os alunos podem se matricular no decorrer do ano letivo, dentre elas a oficina de dança e de teatro.

As aulas são duplas, de uma hora e meia cada. Todas as turmas pegam três aulas por dia. Entre o primeiro e o segundo horário, há um intervalo de quinze minutos e entre o segundo e terceiro horário, outro intervalo de quinze minutos.

4.3 A PROFESSORA DE ARTES.

A professora de artes do colégio, Andréia Maria Dantas Calheiros, formada pela Universidade de Brasília, exerce o magistério há vinte e cinco anos e trabalha no CEAN há cerca de quinze anos.

4.4 AS AULAS DE ARTES.

A professora costuma passar aulas dinâmicas que permeiam aulas teóricas e produção de trabalhos artísticos feitos pelos alunos, em que, nesses trabalhos os alunos tem total liberdade pra desenvolver ideias e expor sua opinião sobre um determinado assunto. Uma ou duas vezes por ano, os alunos do primeiro ano fazem um grande trabalho, que são murais com vários temas produzidos nas aulas de artes. Esses murais são expostos no colégio pelo período de um ano letivo, até a produção de novos trabalhos feitos por novas turmas.

4.5 OS MURAIIS COMO PRÁTICA ARTÍSTICA E OCUPAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR PELOS ALUNOS.

Os muros das escolas são quase sempre utilizados tão somente com seu caráter funcional “muros estes, na maioria das vezes, utilizados quase tão somente para dividir, proteger ou segregar” (NETO. 2005 p. 49), porém as paredes de ambientes diversos tem um caráter muito representacional e quando essas paredes são ocupadas por uma pintura, essa pintura ganha também outras funções como a de apropriação de um espaço.

Todo trabalho artístico adquire traços sensíveis da personalidade de quem os produz e é também um meio de expressão e exposição de pensamentos e ideias. Dessa forma, a ocupação dos alunos através de trabalhos artístico nas paredes do colégio representam, também, uma ocupação física do local:

A solicitação de uma pintura como elemento competente na construção de sentido ultrapassa a noção histórica do quadro a ser contemplado, para atingir a de pintura ambiente, lugar para se ver e se estar com a pintura, como uma pele que envolve nosso ambiente e nos proporciona sensações de estar e ser um lugar. (NETO. 2005, p. 52)

As pinturas/murais produzidas e fixadas no ambiente escolar transmitem a sensação para quem as produz de que ele faz parte daquele espaço. Nesse contexto:

[...] Uma parede pintada é sempre uma parede pintada e algo mais. Quando pintamos uma parede estamos querendo protegê-la das intempéries do cotidiano, mas também buscamos algo mais, queremos dar-lhe uma aparência, ou melhor, uma presença. (NETO. 2005, p. 52)

Não só se apropriar das paredes, os alunos se apropriam do espaço simbólico em que aquelas representações são fixadas. Quando expostas no espaço escolar, esses murais também contribuem para que o ambiente fique mais agradável para quem observa aquelas imagens e convive naquele local:

As vezes o mural é apenas o presente, um relance, uma passagem pelo ambiente, outra um estar demorado como quando se sente bem em

estar em um lugar sem saber muito bem porque. Seduzido pela cor, pelo frescor ou mesmo a beleza do ambiente. (NETO. 2005, p. 51)

Desse modo, quando o espaço escolar se torna um ambiente agradável, tanto para os estudantes quanto para os demais componentes do ambiente escolar, as pessoas criam relações afetivas com o espaço, tornando assim sua presença ali mais harmoniosa. As pinturas em murais no ambiente escolar permitem ao estudante se comunicar e se ver como ativos no espaço. Quando os alunos se veem inseridos naquele contexto, os mesmos não se sentem tão aprisionados ao ambiente, também não sentem a necessidade de marcar os espaços com outras formas de representação, como o caso da pichação, que toma parte de muros de cidades e colégios, como uma espécie de assinatura ou apropriação de um local. A pintura-mural no ambiente escolar daria espaço para a representação pictórica da manifestação do pensamento dos alunos.

No CEAN, as práticas de murais fazem parte do cotidiano dos alunos e do colégio. A professora de artes Andréia inseriu a manifestação artística através de murais no colégio há cerca de quinze anos, sendo uma proposta muito bem recebida por todos. Segundo a professora, os murais não só permitem a expressividade dos alunos como são uma forma política de exercer a arte, tanto pela proporção que a arte adquire nas paredes, como pelo fato de se ocupar um espaço físico.

4.7 ENTREVISTAS

As entrevistas feitas, tanto com a professora como com os alunos, foram semi-estruturadas. Porém, a partir do diálogo inicial e de questões trazidas pelos entrevistados, novas perguntas eram incluídas ou retiradas do diálogo.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas no trabalho, de forma idêntica à fala dos entrevistados, preservando o coloquialismo.

A entrevista com a professora regente se deu de maneira rápida, pois a mesma não tinha muito tempo disponível para o diálogo.

As entrevistas feitas com os estudantes se deram de maneira individual, com aqueles que tinham interesse em participar da pesquisa. Elas ocorreram com a autorização da professora durante o período de duas aulas.

- **ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE ARTES.**

Através de um diálogo com a professora Andreia, a mesma expressou um pouco sobre suas experiências e opiniões sobre os murais e sobre sua prática educativa. Ela informou que o interesse pela produção de murais no colégio se deu ainda enquanto estudante de graduação, influenciada pelos trabalhos de alguns de seus professores acadêmicos.

Conforme a professora informou, sempre teve a concepção de que a arte feita em paredes é um trabalho muito político. Talvez aqui o político signifique dar visibilidade a uma ideia ou a uma voz em um espaço de grandes proporções. Ainda mais quando os temas abordados nessas obras são temas por si só políticos, como a questão da violência ou preconceito, que são temas abordados frequentemente nas aulas de artes para elaboração de murais.

Quando questionada sobre como os alunos se sentiam perante aos trabalhos e a escola, a professora comentou que, quando chegou ao colégio, o mesmo tinha um aspecto feio e desagradável e que, através de sua proposta pedagógica, viu esses aspectos irem mudando com o tempo. Segundo ela pelo simples fato de dar possibilidade dos alunos se apropriarem das paredes os alunos passavam a se identificar e se sentiam mais confortáveis com o ambiente no geral, pois os trabalhos traziam essa sensação agradável ao espaço escolar.

- **ENTREVISTA COM OS ALUNOS:**

Os alunos também comentaram um pouco sobre a experiência na escola com a disciplina de artes e com os murais do colégio.

Foram entrevistados cerca de quinze alunos, foi perguntado aos mesmos algumas questões sobre a relação que os mesmos tinham com o colégio, a disciplina de artes e algumas questões sobre os murais. Nessas questões será averiguado se os estudantes percebiam naquelas produções uma forma de estabelecer uma informação para quem os observava.

Será apresentado a baixo alguns pontos principais destacados das entrevistas. Em um primeiro momento foi perguntado aos alunos como era a relação dos mesmos com a professora de artes, com o intuito de associar se o vínculo deles com a professora influenciava na liberdade em que eles tinham dentro da sala para se comunicar e se expressar, seja através da fala ou através da imagem. Todos os estudantes disseram que havia uma boa relação com a professora e grande parte dos estudantes acrescentaram também que sua relação com a professora era algo a mais do que apenas boa.

Quando foi questionado sobre se os alunos se sentiam à vontade na sala de artes para expor ideias, seja pela fala ou através de trabalhos alguns dos entrevistados informaram:

Você acha que os desenhos, os trabalhos que ela passa em sala são uma forma de você se expressar?¹³

Aluno (a): Acho porque tipo hoje em dia é muito difícil se expressar e desenhar é uma coisa que ajuda muito. Eu gosto muito.

Você se sente à vontade na disciplina, com a professora?

Aluno (a): Me sinto a vontade com ela e na sala dela, acho que na sala dela é uma das melhores que existe pra você ter uma ideia, pra você expor, pra você conversar[...].

O que você acha da disciplina de artes?

Aluno (a): Olha eu acho a disciplina de artes uma das essenciais porque é onde o aluno mais esta se expondo mesmo, tipo é o aluno ali em artes, ele vai fazer o que ele gosta, como ele gosta, por isso que eu gosto de artes.

Segundo os entrevistados a disciplina de artes abre espaço para a expressão dos alunos de uma forma em que eles se sintam a vontade para

¹³ As entrevista foram reescrita conforme suas gravações, preservando o coloquialismo na fala dos entrevistados

exporem essas ideias sem o receio de serem julgados por suas opiniões. Os estudantes se sentem aceitos na disciplina de artes e possuem o direito de criar e ressignificar opiniões, não só sobre conteúdos de arte, mas também outros assuntos de demais disciplinas ou cotidiano. Como diria Ana Mae Barbosa a disciplina permite aos alunos uma interterritorialidade do conhecimento.¹⁴

Quando perguntado se os murais transmitiam uma mensagem ou se eles conseguiam se expressar através dos trabalhos, um dos entrevistados afirmou que:

Então você diria que todos eles transmitem uma mensagem? Não só os murais mais todos os trabalhos de arte que você consegue expressar uma ideia através deles?

Aluno (a): Principalmente com essa professora, a primeira atividade que ela passou pra gente fazer foi um portfólio que tinha que ficar nossa cara, cara eu achei tão massa que você tinha que cortar, colar e pintar e fazer uma coisa que ficasse sua cara.

Você se sentiu valorizada quando alguém quis saber sobre você? Como você é?

Aluno (a): Exatamente.

Outro entrevistado informou

Você se sente a vontade para perguntar nessas matérias? Tirar dúvidas e se expressar?

Aluno (a): Eu gosto muito das aulas de artes porque assim a gente pode interagir, também porque a professora passa um desenho e a gente pode fazer cada um do seu jeito, tipo expressando o que você tá sentindo.

Os entrevistados identificam a produção como uma forma de expressar uma opinião singular. Reforçaram que se sentem à vontade para se manifestarem nos trabalhos, principalmente pela forma com que a professora abre esse espaço para eles e a forma como a mesma os incentiva a ideia de se exporem através da arte.

¹⁴ BARBOSA. Da interdisciplinaridade à interterritorialidade: caminhos ainda incertos. Disponível em: www.fumec.br/revistas/paideia/article/download/1288/869
Acesso em: 25/05/2015

Quando foi questionado aos alunos como se sentiam perante os murais do colégio, eles responderam da seguinte maneira:

O que você acha da ideia dos murais?

Aluno (a): Cara eu gosto muito desses murais porque todo lugar tem alguma coisa que foi feita pelos alunos da escola e tipo marca muito o que cada um pensa, tem tipo uma história pra cada um.

O que você acha desses murais no colégio, você já havia reparado neles antes?

Aluno (a): Já, já tinha. Desde quando eu entrei aqui na escola tava com alguns antigos ainda e eu achei de mais isso porque na maioria das escolas que eu estudei, as duas ultimas eram particulares, eles não expõem tanto os trabalhos dos alunos pela escola, aqui provavelmente tem umas coisas que vai ficar como essa parede aqui (Mosaicos da parede) que vão ficar uns dez quinze anos. Eles não querem tirar ou esconder o trabalho do aluno é tudo bem exposto aqui, eles querem mostrar bastante o que os alunos deles fazem.

Os entrevistados aqui relacionaram os murais à representatividade dos alunos no ambiente escolar, informando que, ou se tratava do pensamento dos alunos ou que é uma forma de exporem a produção dos alunos.

Abaixo, dois dos entrevistados relacionou o mural com uma liberdade de pensamento que o colégio garante aos alunos:

Você já havia reparado nos murais antes? O que você acha da ideia dos murais?

Aluno (a): Já. Eu acho criativo por que da a impressão de que os alunos tem mais liberdade no colégio, pra mostrar o que os alunos tão fazendo mesmo e não e algo só pra conseguir nota é algo artístico mesmo.

O que você acha da ideia dos murais estarem expostos aqui no colégio?

Aluno (a): É uma forma de arte muito presente, eu acho que aqui o CEAN é uma arte. Tudo o que você passa aqui tem essas coisinhas que os alunos mesmos fazem, eu adoro isso porque da liberdade da gente escolher. E tipo a gincana mesmo, toda gincana a gente tem um mural pra fazer e a gente pode ter essa liberdade de pensar, tipo você não precisa ser exatamente bom em pintar ou desenhar é só você ter uma ideia que você pode passar.

Em outro caso, um dos entrevistados também relacionou a uma maneira de transmitir uma ideia e que, apesar da diferença dos trabalhos, todos tinham um mesmo objetivo e passavam uma mesma mensagem:

O que você acha da ideia desses murais?

Aluno (a): Po eu acho que são o máximo porque cada um deles transmitem uma mesma ideia só que de uma forma diferente, cada um com seu jeitinho. Eu pelo menos ajudei a fazer um dos murais, o mural da minha equipe eu ajudei a fazer e tipo eu vejo o pessoal ensaiando pra dizer como que era, eu me enfiava em cada equipe e eu ouvia o que eles falavam, nossa a forma de cada um se expressar é super diferente mais todas chegam num ponto central assim.

Outro ponto destacado por um dos alunos com o questionamento sobre os murais, eles explicitam como o mural é relacionado à participação dos estudantes como personagens ativos na construção do ambiente escolar:

O que você acha da ideia desses murais no colégio?

Aluno (a): Olha eu gosto, mostra a participação do aluno na construção da escola, isso é bem legal, isso é importante.

Os estudantes avaliaram de diversas formas a importância que cada um os murais representam naquele espaço. Quando foram perguntados sobre o que eles achavam de serem eles mesmos ou um de seus colegas que fizeram os trabalhos e também sobre os trabalhos ficarem expostos por um ano, os alunos se manifestaram da seguinte forma:

O que você acha da ideia de um trabalho seu estar sendo exposto no colégio e não ser um trabalho que fica por pouco tempo, ele ira ficar por um ano aqui no colégio pras pessoas verem?

Aluno (a): Olha eu acho que o aluno deixa sua marca né quando ele faz isso, o mais legal disso tudo é que o aluno deixa sua marca de uma boa forma.

Como você se sente ao ver um trabalho seu na parede do colégio?

Aluno (a): Cara eu gosto bastante e ainda mais nesse colégio porque tipo eu sei que vai ficar ai, porque tem tipo outras escolas que eles pegam seus desenhos e colocam tipo por um mês, depois pegam seu desenho

e não sei o que fazem com ele, eu já perdi muito desenho que eu gostava assim.

Como você se sente quando vê um trabalho seu ou de um colega nas paredes do colégio para todos os seus colegas e professores verem?

Aluno (a): Eu acho muito legal, porque é como se fosse o reconhecimento de um trabalho que a gente fez. Sem falar que é muito bonito.

O que você acha deles ficarem expostos durante um ano todo?

Aluno (a): Eu acho que é muito bom, porque é como se fosse um incentivo ao trabalho dos alunos.

Os entrevistados relacionaram muito o colégio expor o trabalho de alunos como se fosse um incentivo e um reconhecimento do que o aluno faz no ambiente. Um dos entrevistados citou que era também uma forma de respeito com o trabalho dos alunos.

Para um dos entrevistados foi questionado sobre o que ele achava de terem trabalhos de alunos nas paredes ao invés de serem paredes em branco e ele respondeu da seguinte maneira:

Só mais uma coisa, o que você acha de serem trabalhos de alunos na parede do colégio ao invés das paredes serem todas em branco?

Aluno (a): Eu acho que é mais bonito é interessante e chama mais atenção, porque geralmente as escolas são as mesmas. Essa é a segunda escola que eu vejo que trabalha muito com a arte e que ajuda muito no desenvolvimento ate das pessoas. Que nem os alunos que gostam de pichar, pra que pichar se você tem um espaço pra você ir ali é pintar um quadro.

O aluno entrevistado aqui explicitou vários pontos, como o da aparência agradável ao ambiente; ressaltou a importância que o colégio colocava na disciplina de artes e também comentou que os trabalhos auxiliavam no desenvolvimento dos alunos. Relacionando esse desenvolvimento como uma forma de expressão presente em vários colégios, que é o caso de pichações, o entrevistado comenta que no colégio os estudantes não precisam desse método,

pois os mesmos podem se expressar através da arte, num local que abre esse espaço para isso.

Todos os entrevistados concordaram que os trabalhos eram uma forma de expressão do aluno e que os mesmos passavam uma mensagem. Dessa forma os alunos relacionam os murais a diversos fatores como: representatividade no espaço, reconhecimento/valorização sobre um trabalho, forma de expressão de ideias e sentimentos através de trabalhos, entre outros.

5. CONCLUSÃO

Os colégios, em muitos momentos, privam os estudantes de exercerem uma representatividade ativa no ambiente escolar. Quando lhes tiram o direito do agir, falar, se expor ou até mesmo de reinterpretar conteúdos, os professores passam aos estudantes uma visão de uma única verdade. Resta aos alunos aceitarem passivamente essas ideias impostas, reproduzindo essas informações. Dessa forma o colégio acaba privando a identidade do estudante.

Ao se terem espaços escolares esteticamente agradáveis para o estudante, isso acaba o deixando mais confortável para com o espaço, pois ali passa a se tornar um ambiente agradável de estar.

Nos espaços escolares, quando a estética é fundida com apropriação de alunos sobre o espaço, essa sensação de bem estar e pertencimento ao local se multiplica. Como observado, para os estudantes, a sensação de bem estar ao ambiente escolar não está indissociável da forma como o colégio se apresenta de maneira estética aos mesmos. Portanto, quando os alunos participam dessa criação estética do colégio, essa sensação de bem estar se potencializa, pois os mesmos se vêem como ativos nessa construção. Logo, os alunos também se sentem criadores desse espaço, colaborando para que o mesmo seja sempre bem preservado.

A arte-educação abre espaços para que a criação de estudantes seja uma forma de transmissão de pensamentos e para que, através dessa produção, o aluno exerça sua identidade.

Dessa forma, a pintura mural em ambientes escolares colabora tanto para a estética do espaço, quanto para a representatividade dos estudantes no ambiente escolar. Ocupar espaços dessa maneira é uma ação política e apropriativa do ambiente, pois a mesma é um ato de ocupação que ganha grandes escalas. Quando os trabalhos artísticos produzidos pelos estudantes de um colégio ocupam um espaço notório na estrutura da escola, os alunos se vêem como constituintes do ambiente escolar, sentindo-se assim mais seguros para se expressarem no espaço em geral.

Deste modo, tendo em vista o que foi debatido ao longo da análise, esse trabalho expôs uma possibilidade para a ação da arte-educação com a função estética e de apropriação dos estudantes do ambiente escolar, de forma a conectar produção/expressão com a identidade de alunos e desenvolver a ideia de pertencimento para com o espaço.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ARANHA, Maria Lucia Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução à filosofia. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1996

BARBOSA, Ana Mae. Arte/Educação: conflitos e acertos. SP: Editora Max Limonad, 1985.

_____. As mutações do conceito e da prática. In BARBOSA, Ana Mae (org.). Inquietações e mudanças no ensino da arte. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: MEC/SEF, p.1-23, 2000.

BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In NOVAES, Adauto, et. al. O olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

CAUQUELIN, Anne. Frequentar os Incorporais: contribuição a uma teoria da arte contemporânea. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

COCCIA, Emanuele. **A vida sensível**. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbarie, 2010.

FAIRCLOUGH, Discurso e mudança social. Trad. I. Magalhaes. Brasília: editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. Language and Power. Londres and Nova York: Routledge, 1989.

FLEURI, Reinaldo Matias. Freinet: confronto com o poder disciplinar. In: ELIAS, Marisa Del Cioppo (org.) Pedagogia Freinet: teoria e prática. 3 ed. Campinas: Papyrus, 1996.

FOUCAULT, Michel. A Hermenêutica do sujeito. São Paulo: Martins Fontes, 2004..

_____. A Ordem do Discurso, SP: Loyola, 1995.

_____. As Palavras e as Coisas, SP: Martins Fontes, 1986.

_____. Aulas Sobre a vontade de Saber, SP: Martins Fontes, 2014.

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert. Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004

FRANGE, Lucimar Bello P. Arte e seu ensino, uma questão ou várias questões? In: BARBOSA, Ana Mae (org). Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo:Cortez, 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Paulo Freire. 17ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

HUYGHE, R. *O poder da imagem*. Lisboa, Edições 70 / São Paulo, Martins Fontes, 1986

KOUDELA, Ingrid Dormien. Jogos teatrais. São Paulo: Perspectiva, 1984.

LANGER, Susanne. A importância cultural da arte, in Ensaios filosóficos. São Paulo: Cultrix, 1971

LIMA, Guimarães, Marcelo. A psicologia da arte e os fundamentos da teoria histórico- cultural do desenvolvimento humano Interações, vol. V, núm. 9, jan-jun, 2000, Universidade São Marcos São Paulo, Brasil.

LINS, S. "Psicose – diagnóstico, conceitos e reforma psiquiátrica". In: Mental: Revista de Saúde Mental e Subjetividade da UNIPAC, Barbacena: UNIPAC, v. 4, n. 8, 2007.

NETO, Fernando Augusto Santos. In: Cultura visual e desafios da pesquisa em Artes/ Organizadores, Alice Fatima Martins, Luis Edgar Costa, Rosana Horio Monteiro. Goiânia: ANPAP, 2005. 2v

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. Trad: Monica Costa Netto. São Paulo: Exo experimental Org.; Editora 34, 2005

_____. O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ROSSATO, Ricardo. . Dicionário Paulo Freire. Danilo R. Streck. Euclides Redin, Jaime José Zitkoski (orgs.) . – 2. Ed., rev. amp. 1. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SAIANI, Claudio. Jung e a Educacao - Uma Analise da Relacao Professor-aluno. SP: Escrituras Editora, 2000,

SANTAELA, Lucia. O que é semiótica. São Paulo: Brasiliense, 2007. - - (Coleção primeiros passos; 103)

SOUZA, Tânia Conceição Clemente. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação in Rua (Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp) n ° 7 NUDECRI – Campinas, SP: Unicamp. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/viewFile/323/204>

Acesso em:07/05/2015

TIBURI, Marcia. Dialogo/Desenho / Marcia Tiburi, Fernando Chui. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

WEBER, Max. Economia y sociedad: esbozo de sociologia comprensiva. Trad. José Medina Echavarría et al. 2.ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1984. 1237p.

ANEXOS

ANEXOS A



Figura 1: Sala ambiente de artes plásticas (um).



Figura 2: Sala ambiente de artes plásticas (dois).



Figura 3: Murais de estudantes (um).



Figura 4: Murais de estudantes (dois).

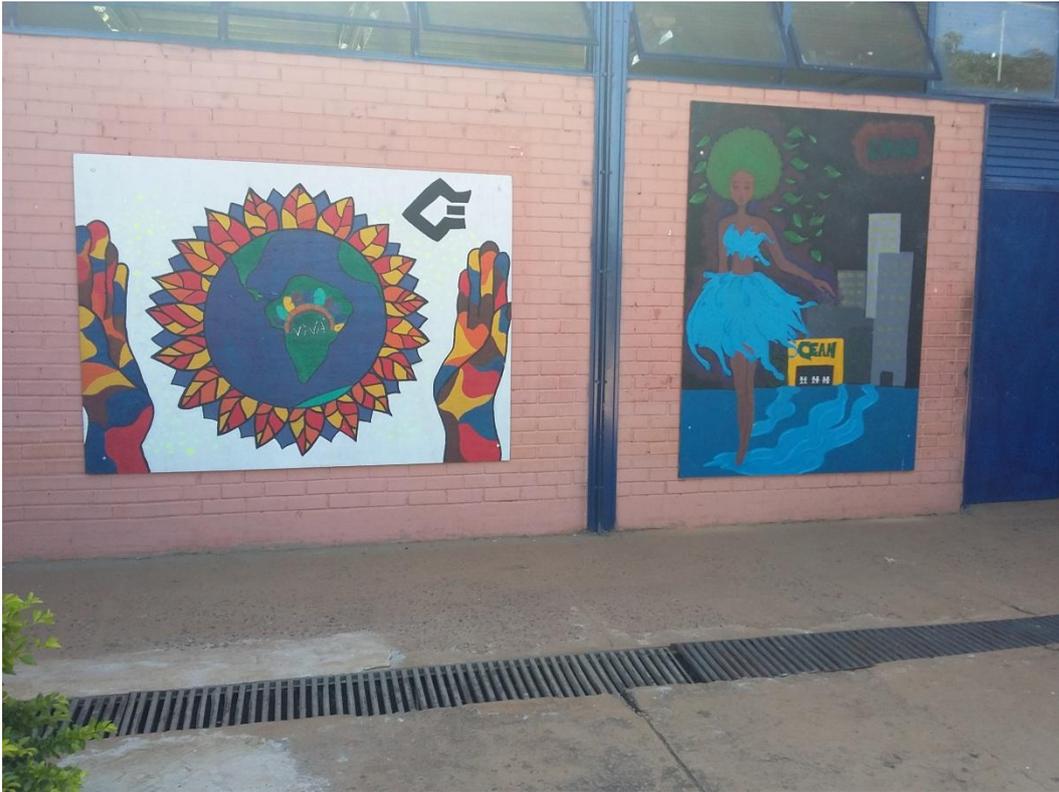


Figura 5: Murais sobre sustentabilidade produzido por duas turmas em 2015.



Figura 6: Mural sobre consciência negra produzido por duas turmas produzidos em 2014.



Figura 7: Murais sobre consciência negra e sustentabilidade, produzidos em 2015 (esquerda) e 2014 (direita).



Figura 8: Mosaicos feitos pelos alunos no ano de 2001 (um).



Figura 9: Mosaico feito pelos estudantes em 2001 (dois).

ANEXOS B

Entrevista 1

Pode me falar seu nome é sua idade?

Aluno(a): Meu nome é V e vou fazer 16 anos.

O que você acha de ter que estar em uma escola desde seus 6 anos de idade até quando você terminar o ensino médio e passar metade do seu dia dentro de uma escola?

Aluno(a): Olha eu não gosto muito de colégio, mas eu gosto tipo de aprender. É mais tipo o colégio me lembra muito uma prisão, que você tem que ser do jeito que eles querem, eu não gosto muito.

Mesmo não gostando muito do ambiente tem alguma coisa que mais te chama atenção no colégio? Pode ser os professores, amigos, alguma coisa que te faça sentir mais a vontade.

Aluno(a): Cara os amigos. Porque a gente conhece pessoas que a gente nunca imaginou que fosse conhecer e aprende muito com elas.

E no CEAN tem alguma coisa que mais te chama atenção?

Aluno(a): Cara o CEAN eu gosto muito porque é uma escola que tem gente de tudo quanto é jeito e as pessoas não tem que usar uma máscara mudando o que elas são, elas podem ser do jeito que elas são.

Qual a matéria que você mais gosta no colégio?

Aluno(a): Artes e Filosofia é o que eu mais gosto.

Você se sente a vontade para perguntar nessas matérias? Tirar dúvidas e se expressar?

Aluno(a): Uhum.

Qual é a sua relação com a professora de artes?

Aluno(a): Cara eu amo essa professora (risos). Ela é tipo um anjo que caiu na minha vida, ela é uma ótima professora.

O que você mais gosta nas aulas de artes?

Aluno(a): Cara eu gosto muito de desenhar.

Você acha que os desenhos, os trabalhos que ela passa em sala é uma forma de você se expressar?

Aluno(a): Acho, porque tipo hoje em dia é muito difícil se expressar e desenhar é uma coisa que ajuda muito. Eu gosto muito.

Você participou da produção de algum mural?

Aluno(a): Eu participei da produção do mural da gincana sobre diversidade e sustentabilidade.

O que você acha da ideia dos murais?

Aluno(a): Cara eu gosto muito desses murais porque todo lugar tem alguma coisa que foi feita pelos alunos da escola e tipo marca muito o que cada um pensa, tem tipo uma história pra cada um.

Sobre o mural que você ajudou a produzir da onde veio a ideia do trabalho?

Aluno(a): Foi uma menina que desenhou. O tema era diversidade e sustentabilidade acho que na escola e tipo foi um desenho que tipo a gente queria representar tudo isso, ai fez a mãe natureza e fez tipo uma cidade junto, ficou muito legal.

Como você se sente ao ver um trabalho seu na parede do colégio?

Aluno(a): Cara eu gosto bastante e ainda mais nesse colégio porque tipo eu sei que vai ficar ai, porque tem tipo outras escolas que eles pegam seus desenhos e colocam tipo por um mês, depois pegam seu desenho e não sei o que fazem com ele, eu já perdi muito desenho que eu gostava assim.

Você acha que os trabalhos passam uma mensagem, que eles informam algo?

Aluno(a): Eu acho, porque cada um desses trabalhos teve a ver com um tema e uma ideia e só de bater o olho em alguns você já consegue entender.

O que você acha de ter sido você ou um colega que fizeram os trabalhos e eles ficarem aqui?

Aluno(a): Cara eu acho bacana porque é tipo uma marca que você deixa no colégio e ainda mais em um colégio que até onde eu sei todo mundo que entra aqui no CEAN gosta muito daqui, porque aqui é quase tipo um paraíso. Porque não é uma escola que nem as outras que você consegue se sentir preso de verdade. Eu gosto muito, muito dessa escola.

Acho que é isso. Você gostaria de colocar mais alguma questão, gostaria de falar mais alguma coisa?

Aluno(a): Tipo eu entrei nessa escola esse ano e tipo eu já tô amando, porque é uma escola que tem de tudo e ao mesmo tempo nada e colocado em discussão a ponto de sair briga daquilo, esse lugar ajuda muito as pessoas.

Eu concordo muito com você. É isso, muito obrigada.

Entrevista2

Pode me falar seu nome é sua idade?

Aluno(a): K, tenho 17 anos.

O que você acha de ter que estar em uma escola desde seus 6 anos de idade até quando você terminar o ensino médio e passar metade do seu dia dentro de uma escola?

Aluno(a): Acho importante isso, porque pra mim os estudos são importantes, são uma parte da sua vida que se você não tiver vai te estragar na verdade, porque se eu não tiver o estudo o que eu quero eu não vou ter.

O que você acha do CEAN em específico?

Aluno(a): Eu adoro o CEAN, CEAN pra mim é minha segunda casa, aqui é onde os professores e a direção me apoiam e eles me conhecem, adoro os professores, aqui é onde digamos eles me aceitam, os pensamentos não são julgados e sim ajudados.

Qual a matéria que você mais gosta no colégio?

Aluno(a): Eu gosto de filosofia, eu gosto do pensamento do ser humano após anos e anos de pesquisa e evolução.

Você se sente a vontade para perguntar nessas matérias? Tirar dúvidas, se expressar e expor suas ideias?

Aluno(a): Sim, principalmente aqui no CEAN eu acho que aqui é onde eu mais me sinto livre. Porque aqui eu posso discutir, dar um debate tanto em sociologia, física, matemática, artes, inglês, eu acho que aqui tudo é meio liberal.

Qual é a sua relação com a professora de artes?

Aluno(a): Ah é ótima, eu adoro a professora ela é como se fosse, sei lá uma tia minha, uma amiga de anos atrás.

Você se sente a vontade na disciplina, com a professora?

Aluno(a): Me sinto a vontade com ela e na sala dela, acho que na sala dela é uma das melhores que existe pra você ter uma ideia, pra você expor, pra você conversar com ela, ela é muito aberta a qualquer assunto tanto se for arte ou qualquer outra coisa.

E da disciplina de artes você gosta?

Aluno(a): Gosto, gosto assim tipo... não que eu não sei desenhar muito bem, mas a matéria em si ela é muito boa, porque a arte pra mim é uma parte da evolução do ser humano, nas cavernas o único jeito de se comunicar não foi pela fala, não foi whatsapp ou facebook, foi pelo desenho, foi pela arte, então pra mim a arte é importante.

O que você mais gosta nas aulas de artes?

Aluno(a): As dinâmicas da professora, as conversas dela, ela explica muito bem.

Você participou da produção de algum mural?

Aluno(a): Sim, sim eu participei de um daqueles murais ali.

O que você acha da ideia dos murais estarem expostos aqui no colégio?

Aluno(a): É uma forma de arte muito presente, eu acho que aqui o CEAN é uma arte. Tudo o que você passa aqui tem essas coisinhas que os alunos mesmos fazem, eu adoro isso porque da liberdade da gente escolher. É tipo a gincana mesmo, toda gincana a gente tem um mural pra fazer e a gente pode ter essa liberdade de pensar, tipo você não precisa ser exatamente bom em pintar ou desenhar é só você ter uma ideia que você pode passar.

Sobre o mural que você ajudou a produzir da onde veio a ideia do trabalho?

Aluno(a): A gente fez isso ano passado na consciência negra, então a gente desenhou meio que uma cultura, uma nega brasileira e o frevo que é a dança.

O que você acha dos murais ficarem expostos por um ano?

Aluno(a): Eu sempre gostei, eu só queria que ficasse por muito mais tempo, mas aqui não da né, porque sempre eles tentam renovar as coisas.

Tipo esses aqui, você já tinha visto esses mosaicos que estão desde 2001?

Aluno(a): Eu adoro esses, velho o CEAN pra mim é uma escola diferente, eu me sinto bem a vontade aqui.

Você acha que os trabalhos passam uma mensagem, que eles informam algo?

Aluno(a): Sim passa, eu acho que qualquer parte da arte não é só arte porque sempre passa uma mensagem alguma coisa.

Você acha que você consegue se expressar através dos trabalhos de arte?

Aluno(a): Consigo sim.

Acho que é isso. Muito obrigada.

Entrevista3

Pode me falar seu nome é sua idade?

Aluno(a): Meu nome é A. C. O, tenho 15 anos.

O que você acha de ter que estar em uma escola desde seus seis anos de idade até quando você terminar o ensino médio e passar metade do seu dia dentro de uma escola?

Aluno(a): Ah é bom né, porque assim você sempre aprende novas coisas no colégio e sem o colégio a gente seria pessoas ignorantes.

Agora sobre o CEAN, o que você mais gosta aqui e alguma coisa que você não gosta tanto aqui no colégio?

Aluno(a): O que eu mais gosto aqui é que aqui é um espaço muito aberto pros alunos pra gente poder optar pelo que a gente gosta de ter muitas pessoas diferentes, o ambiente aberto, os murais muito bonitos, eu gosto.

Tem alguma coisa que você não gosta no CEAN?

Aluno(a): Não, creio que não. Eu gosto muito daqui.

Qual a matéria que você mais gosta no colégio?

Aluno(a): Matemática, Sociologia e Educação Física.

Você se sente a vontade para perguntar nessas matérias? Tirar dúvidas e se expressar?

Aluno(a): Me sinto.

Qual é a sua relação com a professora de artes?

Aluno(a): Muito boa.

O que você acha da disciplina de artes?

Aluno(a): Acho bem bacana, porque a gente estuda também como era a artes antigamente a gente aprende novas técnicas.

O que você mais gosta nas aulas de artes?

Aluno(a): O que eu mais gosto hum... de desenhar.

Você participou da produção de algum mural?

Aluno(a): Participei da produção do mural da minha equipe na gincana.

O que você acha da ideia dos murais?

Aluno(a): Eu acho bem bacana porque todo ano muda e sempre tem um tema específico pra fazer o mural e sempre sai uma parada bem criativa.

Sobre o mural que você ajudou a produzir da onde veio a ideia do trabalho?

Aluno(a): Ah foi a menina que bolou o desenho e ela veio com essa ideia de mãe natureza e como o tema da gincana era diversidade ela colocou uma morena com um black feito de arvores.

Como você se sente ao ver um trabalho seu na parede do colégio?

Aluno(a): Ah eu acho bacana né porque assim mostra o que ta dentro de cada um, porque a arte não tem um jeito certo de desenhar, cada um tem seu jeito.

E o que você acha de ser um trabalho seu exposto na parede do colégio e ele ficar por um ano aqui?

Aluno(a): Ah bacana né, porque você vê aquele trabalho aqui muito tempo e depois você faz outro trabalho é pode ver o que você melhorou.

Você acha que os trabalhos passam uma mensagem, que eles informam algo?

Aluno(a): Passam sim, porque geralmente você faz o mural com alguma intenção, que nem o desse ano que foi com a intenção de diversidade, sustentabilidade e foi isso que passou realmente. Quando desenharam morenas, é o CEAN reutilizando a água da chuva isso tudo passa pra quem vê o mural.

E você acha que assim, mesmo sendo proposto um tema por exemplo sustentabilidade, diversidade. Vocês conseguem se expressar a respeito daquele tema?

Aluno(a): Sim, porque o tema na verdade é pra ficar como se fosse uma base pro seu desenho, mas não deixa de te dar liberdade pra fazer o que você acha.

Você acha que a disciplina de artes tem isso de você ter sua opinião e você poder expressar isso através dos desenhos?

Aluno(a): Tem sim, acho que é uma das disciplinas que mais tem.

Bom é isso, muito obrigada.

Entrevista4

Pode me falar seu nome é sua idade?

Aluno(a): G. C. D e eu tenho 14 anos.

O que você acha de ter que estar em uma escola desde seus 6 anos de idade até quando você terminar o ensino médio e passar metade do seu dia dentro de uma escola?

Aluno(a): Ah eu acho que é uma coisa precisa mesmo, tipo eu não seria nada sem o colégio, literalmente.

Agora sobre o CEAN, você pode me falar o que você mais gosta no CEAN e algo que você não gosta tanto assim?

Aluno(a): O que eu mais gosto no CEAN é essa parte da sustentabilidade e a diversidade que eles estão trabalhando, esses trabalhos pedagógicos que eles trabalham anualmente. E o que eu menos gosto, nossa é difícil, não sei o que eu menos gosto.

Qual a matéria que você mais gosta no colégio?

Aluno(a): Educação Física.

O que você acha da disciplina de artes?

Aluno(a): Olha eu acho a disciplina de artes uma das essenciais porque é onde o aluno mais esta se expondo mesmo, tipo é o aluno ali em artes, ele vai fazer o que ele gosta, como ele gosta, por isso que eu gosto de artes.

Qual é a sua relação com a professora de artes?

Aluno(a): Nossa a gente é super amiga, a gente conversa quase todo dia sobre tipo tudo, se eu fosse dizer assim ela é uma das melhores professoras dessa escola.

O que você mais gosta nas aulas de artes?

Aluno(a): A parte de que tem que fazer atividade, a parte de desenhar de pintar essas coisas.

Você já tinha observado os murais do colégio?

Aluno(a): Aham.

O que você acha da ideia desses murais?

Aluno(a): Po eu acho que são o máximo porque cada um deles transmitem uma mesma ideia só que de uma forma diferente, cada um com seu jeitinho. Eu pelo menos ajudei a fazer um dos murais, o mural da minha equipe eu ajudei a fazer e tipo eu vejo o pessoal ensaiando pra dizer como que era, eu me enfiava em cada equipe e eu ouvia o que eles falavam, nossa a forma de cada um se expressar e super diferente mais todas chegam num ponto central assim.

Então você diria que todos eles transmitem uma mensagem? Não só os murais mais todos os trabalhos de arte que você consegue expressar uma ideia através deles?

Aluno(a): Principalmente com essa professora, a primeira atividade que ela passou pra gente fazer foi um portfólio que tinha que ficar nossa cara, cara eu achei tão massa que você tinha que cortar, colar e pintar e fazer uma coisa que ficasse sua cara.

Você se sentiu valorizada quando alguém quis saber sobre você? Como você é?

Aluno(a): Exatamente.

O que você acha da ideia de um trabalho seu estar sendo exposto no colégio e não ser um trabalho que fica por pouco tempo, ele ira ficar por um ano aqui no colégio pras pessoas verem?

Aluno(a): Olha eu acho que o aluno deixa sua marca ne quando ele faz isso, o mais legal disso tudo é que o aluno deixa sua marca de uma boa forma.

Acho que é isso. Você gostaria de colocar mais alguma questão, algum ponto que você nota nessa escola que você não notava nas outras?

Aluno(a): Acho que é mais o trabalho pedagógico mesmo, não sei se é porque é ensino médio, mas nas escolas que eu passei tipo tinha alguns trabalhos, mas não eram tão profundos quanto é aqui no CEAN.

Tá ok, obrigada.

Entrevista5

Pode me falar seu nome e sua idade?

Aluno(a): C.G. e eu tenho 14 anos.

O que você acha de ter que estar em uma escola desde seus 6 anos de idade até quando você terminar o ensino médio e passar metade do seu dia dentro de uma escola?

Aluno(a): Assim tipo eu acho que é interessante porque eles te ajudam a você se preparar pra um futuro, pra você ter um emprego ter dinheiro.

Agora sobre o CEAN, você pode me falar que você mais gosta no CEAN e algo que você não gosta tanto assim?

Aluno(a): Eu entrei aqui esse ano e eu to gostando muito dessa escola e das pessoas, porque aqui a relação das pessoas é muito legal. Os professores são muito bons também. O diretor e a vice diretora também porque eles são bem rígidos.

Eles são rígidos, mais isso não impede de você se relacionar com eles, se você quiser falar alguma coisa, propor uma ideia, não é uma relação que impõem medo?

Aluno(a): Não

Qual a matéria que você mais gosta no colégio?

Aluno(a): Eu gosto muito, é difícil essa pergunta... eu gosto da aula de artes e eu gosto muito, muito da aula de Educação Física.

Você se sente a vontade para perguntar nessas matérias? Tirar duvidas e se expressar?

Aluno(a): Eu gosto muito das aulas de artes porque assim a gente pode interagir, também porque a professora passa um desenho e a gente pode fazer cada um do seu jeito, tipo expressando o que você ta sentindo. E da educação física eu acho muito legal porque tem uns jogos muito diferentes, que muita gente não conhecia, eu acho muito legal.

Qual é a sua relação com a professora de artes?

Aluno(a): Durante as aulas e boa, ela nunca reclamou de mim e fora da aula a gente nunca teve uma relação.

O que você mais gosta nas aulas de artes?

Aluno(a): Eu gosto de recortar e colar, que ela mandou a gente fazer um portfólio e eu achei legal.

Você já havia reparado nos murais do colégio?

Aluno(a): Eu já observei, eu acho bem legal porque tem tipo o tema da escola, tipo o hashtag da escola tipo de diversidade, então eu acho muito legal e os painéis que a gente fez durante a gincana.

Você participou da produção de algum?

Aluna: Não porque eu tava em outra prova.

Você acha que os trabalhos passam uma mensagem, que eles informam algo?

Aluno(a): Eu acho que eles mostram a diversidade, porque sei lá eles mostram pessoas negras e de diferentes jeitos.

O que você acha de ter sido você ou um colega que fizeram os trabalhos e eles ficarem por um ano expostos no colégio?

Aluno(a): Eu acho muito legal, porque é uma forma das pessoas olharem é falarem 'olha é uma coisa diferente', eu acho muito legal.

Nos outros colégios que você estudou tinha trabalhos assim, eles trabalhavam com exposição dos alunos?

Aluno(a): Eles trabalhavam, mas não que nem aqui.

E esses trabalhos ficavam por muito tempo?

Aluno(a): Ficavam pouco tempo.

O que você acha dessa relação de ficar mais tempo ou ficar menos tempo?

Aluno(a): Eu acho bem legal, porque assim quando você vai numa escola que fica por pouco tempo você vai uma vez e você vai ver um trabalho e quando você for outra vez não vai tá mais aquele trabalho, tipo no CEAN você pode vir aqui o ano inteiro que a pessoa vai ver esse tema e é bem interessante.

O que você acha de ter esses trabalhos assim nas paredes ao invés de ser todas as paredes em branco?

Aluno(a): Eu acho que assim fica mais enfeitado, fica mais bonito, chama muito mais atenção das pessoas do que as paredes normal.

Acho que é isso. Muito obrigada.

Entrevista6

Pode me falar seu nome é sua idade?

Aluno(a): I. C, 15 anos.

O que você acha de ter que estar em uma escola desde seus 6 anos de idade até quando você terminar o ensino médio e passar metade do seu dia dentro de uma escola?

Aluno(a): Eu acho que as pessoas não podem ser criadas no mesmo lugar, acho que a carga horária da escola ta boa e é um tempo bom tem dois intervalos aqui no CEAN então é menos cansativo.

Agora sobre o CEAN, você pode me falar que você mais gosta no CEAN e algo que você não gosta tanto assim?

Aluno(a): Eu gosto aqui que eles se envolvem bastante coma a vida do aluno, então assim se você ta tendo algum problema na escola você vai falar com a Graça lá na direção que ela resolve, e o que eu acho que o que eu menos gosto aqui são alguns alunos que ficam deteriorando a escola.

Qual a matéria que você mais gosta no colégio?

Aluno(a): Matemática e química.

Você se sente a vontade para perguntar nessas matérias? Tirar duvidas e se expressar?

Aluno(a): Sim, bem tranquilo.

O que você acha da disciplina de artes?

Aluno(a): Eu gosto é uma disciplina tranquila, tanto da professora passar pra gente as coisas e é bem interativo.

Qual é a sua relação com a professora de artes?

Aluno(a): É de boa, ela é legal, ela não é uma das àquelas professoras muito rígidas e também não é muito folgada, ela é bem tranquila.

O que você mais gosta nas aulas de artes?

Aluno(a): Acho que a interação que ela tem com a turma, ela bota bastante coisa pra gente fazer então a aula é bem divertida, e ela não fica reclamando tipo ela da um tempo pra gente conversar. A gente pode discutir, abrir qualquer assunto no meio da aula dela, ela não é só presa a artes.

O que você acha desses murais no colégio, você já havia reparado neles antes?

Aluno(a): Já, já tinha. Desde quando eu entrei aqui na escola tava com alguns antigos ainda e eu achei de mais isso porque na maioria das escolas que eu estudei, as duas ultimas eram particulares, eles não expõem tanto os trabalhos dos alunos pela escola, aqui provavelmente tem umas coisas que vai ficar como essa parede aqui (Mosaicos da parede) que vão ficar uns dez quinze anos. Eles não querem tirar ou esconder o trabalho do aluno é tudo bem exposto aqui, eles querem mostrar bastante o que os alunos deles fazem.

Você participou da produção de algum mural?

Aluno(a): Sim, do da minha equipe da ecos, eu ajudei.

O que você acha da ideia de ser você que produziu o trabalho e o seu trabalho esta assim na parede da escola em um lugar que todo mundo pode ver?

Aluno(a): Po eu acho isso de mais, por que pelo menos aqui no ensino médio você vai ficar três anos aqui, então você vai passar um ano vendo o que você fez e no outro ano você vai ver o que você fez de novo e sempre que você passar

você vai falar 'ah eu ajudei a fazer aquilo ali' e ate na hora de produzir ajuda a gente que nem se falava direito se conhecer e conversar mais.

Você acha que os trabalhos passam uma mensagem, que eles informam algo?

Aluno(a): Muitos deles sim, outros são mais, eu não diria abstratos eu diria sei lá, são mais vagos.

E você acha que assim mesmo a professora definido um tema, se acha que mesmo assim você consegue se expressar e colocar sua opinião sobre aquele tema no trabalho?

Aluno(a): Mais ou menos porque tem coisas que é bem fechado, porque tem temas que você não pode desenhar muitas coisas, tem coisas que tem que ser mais fechado, mas a maioria das coisas que a professora passa ela deixa bem aberto.

É isso você quer colocar uma questão à mais?

Aluno(a): Não, tranquilo.

Obrigada.

Entrevista 7

Pode me falar seu nome e sua idade?

Aluno (a): M. G e eu tenho 14 anos.

O que você acha de ter que estar em uma escola desde seus 6 anos de idade até quando você terminar o ensino médio e passar metade do seu dia dentro de uma escola?

Aluno (a): Eu acho importante, acho que não só aprendizagem você cria amizades e eu acho isso muito importante.

O que você mais gosta no CEAN e alguma coisa que você não goste tanto assim?

Aluno (a): Eu acho difícil responder essa pergunta porque eu to a tão pouco tempo aqui na escola, eu gosto de praticamente tudo, tem algumas aulas de alguns professores que eu acho que eles poderiam correr um pouco mais atrás dar um pouco mais de conteúdo, mais assim é uma boa escola.

Qual matéria você mais gosta no colégio?

Aluno (a): Matemática e química.

Você se sente a vontade pra poder perguntar e se expressar nessas disciplinas?

Aluno (a): Sim, acho que todo mundo consegue expressar sua opinião.

E no colégio, você acha que o colégio abre espaço pros alunos pra poder colocar suas ideias expressões no colégio?

Aluno (a): Abre eu acho que aqui e uma das escolas que mais abrem, que tive mais oportunidade de me expressar.

Como é sua relação com a professora de artes?

Aluno (a): É boa assim, a gente se da bem.

O que você acha da disciplina de artes?

Aluno (a): Eu gosto assim, eu acho que é um disciplina que serve assim é muito tenso esse negocio de primeiro ano e acho que artes ajuda a acalmar um pouco.

O que você mais gosta nas aulas de artes?

Aluno (a): Tem esse negocio que é um pouco mais liberado, então da pra você escutar musica, conversar e pintar ao mesmo tempo.

Você diria que através dos trabalhos de artes você consegue expressar uma opinião, mesmo tendo um tema pré-definido?

Aluno (a): Com certeza. Só usar a criatividade que você consegue abordar qualquer tema.

Você já tinha observado os murais antes?

Aluno (a): Já tinha.

O que você acha da ideia desses murais no colégio?

Aluno (a): Olha eu gosto, mostra a participação do aluno na construção da escola, isso é bem legal, isso é importante.

Como você se sente quando vê um trabalho seu ou de um colega nas paredes do colégio para todos os seus colegas e professores verem?

Aluno (a): Eu acho isso bem legal é uma forma de mostra, eu não sei é difícil explicar isso é muito legal saber que seu colega desenha bem ou que seu colega pinta bem. As vezes é a mesma idéia ou opinião sobre o assunto.

O que você acha deles ficarem expostos durante um ano todo?

Aluno (a): Isso é legal, se fosse muito rápido você não conseguiria sabe captar a ideia. Eu acho importante deixar um ano, até mais se coubesse em todos lugares.

Você diria que eles passam alguma mensagem, que eles informam algo?

Aluno (a): Sim, acho que todos eles né

É isso, você quer colocar uma questão que você nota nesse colégio que você não notava nos outro?

Aluno (a): Eu acho assim que mudou tudo né, não é mais a mesma coisa. Tem coisas que mudaram pra melhor, tem coisas que mudaram pra pior.

Entrevista 8

Pode me falar seu nome e sua idade?

Aluno (a): Meu nome é D e eu tenho 17 anos.

O que você acha de ter que estar em uma escola desde seus 6 anos de idade até quando você terminar o ensino médio e passar metade do seu dia dentro de uma escola?

Aluno (a): Eu acho que é uma fase necessária da vida, tipo pra te preparar pro que vem depois, porque se não existir essa fase você não vai ter conhecimento do que vai te aguardar no futuro.

O que você mais gosta no CEAN e alguma coisa que você não goste tanto assim?

Aluno (a): O que eu mais gosto é a biblioteca. O que o menos gosto e no geral em todos os colégios que eu vou, eu não gosto do lanche daqui.

Qual matéria você mais gosta no colégio?

Aluno (a): Filosofia

Como é sua relação com a professora de artes?

Aluno (a): É boa, ate porque eu já to aqui a uns três anos então eu já conheço ela, me dou bem com ela.

O que você acha da disciplina de artes?

Aluno (a): Eu gosto bastante.

O que você mais gosta nas aulas de artes?

Aluno (a): Eu gosto do jeito como a professora consegue dinamizar as aulas, porque ela explica de um jeito que a gente consegue entender e de um jeito que a gente vai se divertir quando tiver fazendo.

Você já havia reparado nos murais antes? O que você acha da ideia dos murais?

Aluno (a): Já. Eu acho criativo por que da a impressão de que os alunos tem mais liberdade no colégio, pra mostrar o que os alunos tão fazendo mesmo e não e algo só pra conseguir nota é algo artístico mesmo.

O que você acha de ser um colega seu quem produzi-o esse trabalho?

Aluno (a): Eu acho legal, ele pode desenvolver esse talento.

O que você acha deles ficarem expostos durante um ano todo?

Aluno (a): É legal, o nome da pessoa não vai tá exposto, mas a turma que fez vai tá lá.

Você diria que eles passam alguma mensagem, que eles informam algo?

Aluno (a): Informam, por exemplo esses trabalhos que falam sobre homofobia consciência negra mostram que não existe o silencio que todo mundo acha.

É isso, você quer colocar mais alguma questão, algo que você observa aqui que não notava nos outros colégios?

Aluno (a): Acho que nos outros colégios a professora manda assim 'o desenha isso, desenha aquilo' ai você não aprendia o que você estava fazendo. Aqui não, a gente tem um contexto da arte que a gente ta trabalhando. E eu acho importante o contexto saber onde ela existiu.

Muito obrigada.

Entrevista 9

Pode me falar seu nome e sua idade?

Aluno (a): S.M, 18 anos.

O que você acha de ter que estar em uma escola desde seus 6 anos de idade até quando você terminar o ensino médio e passar metade do seu dia dentro de uma escola?

Aluno (a): Eu acho que é algo muito importante, porque hoje em dia ate pra ser um caixa de supermercado você tem que ter um nível médio completo.

O que você mais gosta no CEAN e alguma coisa que você não goste tanto assim?

Aluno (a): Eu gosto muito de tudo no CEAN. Serio é uma escola muito diferente, a gente tem muito apoio dos professores quando a gente mostra dedicação e é difícil falar uma coisa que eu não gosto aqui, eu acho que não tem ainda.

Qual matéria você mais gosta no colégio?

Aluno (a): Filosofia e historia.

Você se sente a vontade nessas matérias pra poder colocar suas ideias, fazer perguntas e se expressar?

Aluno (a): Sim, eu gosto muito de debate é tudo e eu sempre estou expondo minhas ideias.

Como é sua relação com a professora de artes?

Aluno (a): É ótima, ela é como se fosse uma amiga pra gente.

O que você acha da disciplina de artes?

Aluno (a): Eu acho muito legal, ainda mais aqui. Antes quando eu fazia artes nas outras escolas a gente só falava sobre cores e era a mesma coisa todo ano, aqui não a gente aprende historia e eu acho isso bem bacana.

O que você mais gosta nas aulas de artes?

Aluno (a): Eu gosto de pintar.

Você se sente a vontade pra produzir expressar suas ideias no desenho

Aluno (a): Muito, e ela sempre faz isso, de alguma forma a gente expressar nossa ideias e nosso sentimento do que a gente tá sentindo ali no momento.

Você participou da produção de algum dos murais?

Aluno (a): Sim, no ano passado.

Como você se sente quando vê um trabalho seu ou de um colega nas paredes do colégio para todos os seus colegas e professores verem?

Aluno (a): Eu acho muito legal, porque é como se fosse o reconhecimento de um trabalho que a gente fez. Sem falar que é muito bonito.

O que você acha deles ficarem expostos durante um ano todo?

Aluno (a): Eu acho que é muito bom, porque é como se fosse um incentivo ao trabalho dos alunos.

Você diria que eles passam alguma mensagem, que eles informam algo?

Aluno (a): Eu acho que sim, de diversidade a sustentabilidade.

Só mais uma coisa o que você acha de serem trabalhos de alunos na parede do colégio ao invés das paredes serem todas em banco?

Aluno (a): Eu acho que é mais bonito é interessante e chama mais atenção, porque geralmente as escolas são as mesmas. Essa é a segunda escola que eu vejo que trabalha muito com a arte e que ajuda muito no desenvolvimento ate das pessoas. O que nem os alunos que gostam de pichar, pra que pichar se você tem um espaço pra você ir ali é pintar um quadro.